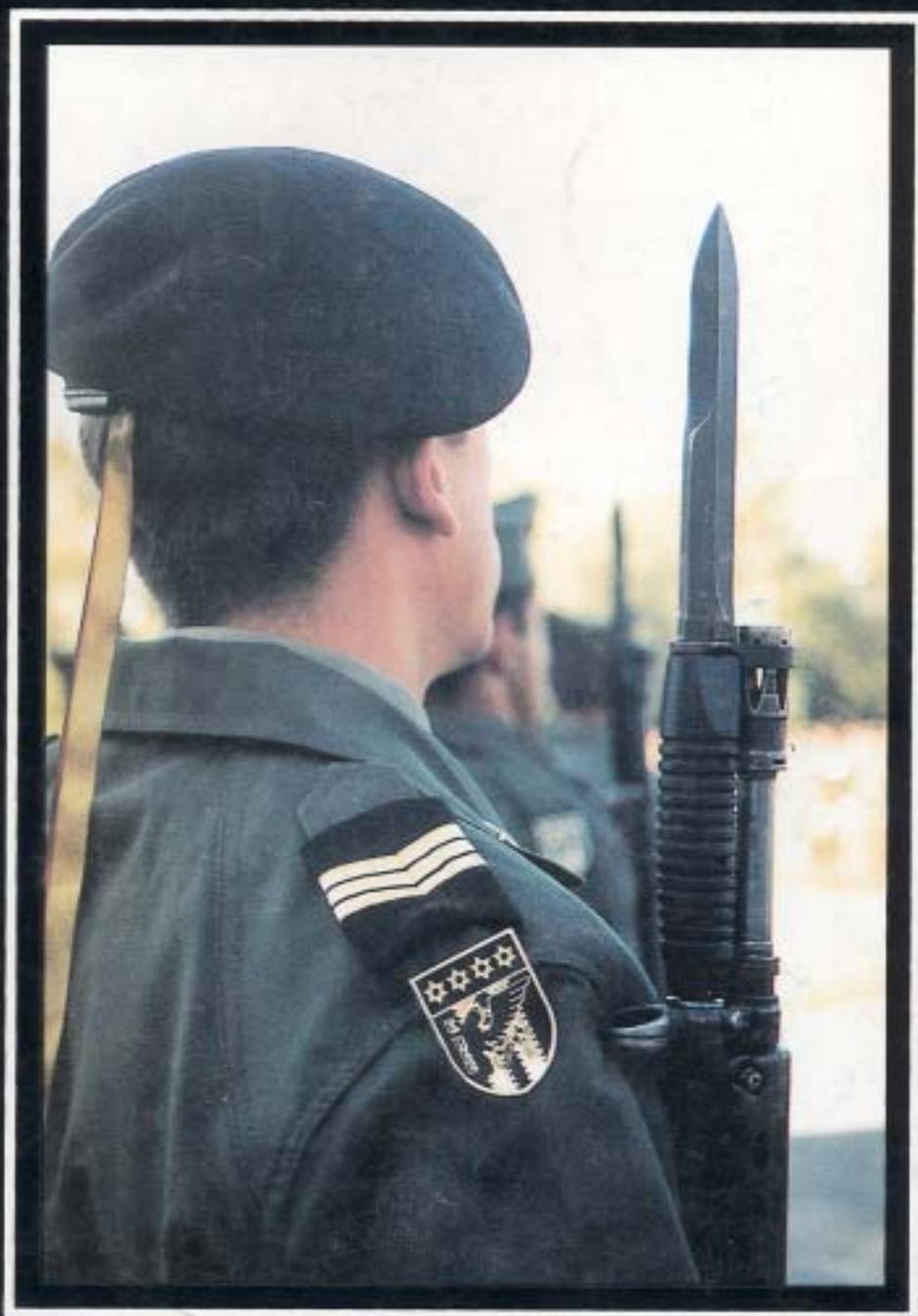


Atoleiros

Revista Militar do Campo Militar de Santa Margarida
e da Brigada Mecanizada Independente



Ano I - N°2 - OUT99

Campo Militar
de
Santa Margarida



SUMÁRIO



3
Editorial

4
Atoleiros

7
O Grande Desafio do Exército
Português nos próximos anos
Subsídios para a sua resolução

12
"Estratégia Militar" sua
importância no universo
empresarial

15
Operações de apoio à Paz
- a questão cultural -

17
Uma Actividade Científica
no CMSM

19
Cooperação Civil Militar (CIMIC)
sinónimo de segurança

20
Campo de Instrução Militar
de Santa Margarida

22
Recordando

24
A Recruta no GAC

26
SITREP

33
Educação Física e Desportos

36
Jardim de Infância do CMSM



Carta ao Director

Meu caro amigo Brigadeiro Silvério

Foi com particular satisfação e agrado que assisti às Comemorações do CMSM/BMI que mantiveram o nível de qualidade profissional e de ambiente de amizade e camaradagem que sempre foram timbre dessa grande Escola de Armas Combinadas.

Gostaria também de fazer uma referência elogiosa pela publicação da Revista "ATOLEIROS", que para além de se tratar de uma excelente iniciativa, apresenta também notável qualidade de "design", apresentação gráfica, e actualidade e importância dos artigos publicados.

Julgo que, quer o Cmd do CMSM/BMI, quer os encarregados por mais este trabalho estão de parabéns.

Com os melhores cumprimentos e um abraço amigo.

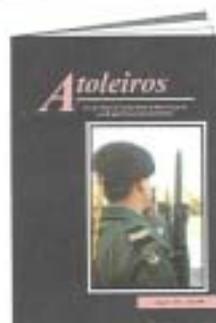
JOSÉ EDUARDO GARCIA LEANDRO
GENERAL

Referência do Jornal do Exército

No formato de 21x29,7cm, acaba de sair, com referência a Abril de 1999, o nº1 da revista em título, propriedade do Quartel-General do Campo Militar de Santa Margarida.

Com 36 páginas de texto, além de capas, tudo em papel couché, de aspecto gráfico atraente bem ilustrado com fotografias adequadas, além do Editorial da autoria do Comandante do CMSM/BMI, Brigadeiro Jorge Manuel Silvério, que, na sua qualidade de Director da revista, expõe as razões da escolha do nome "Atoleiros" para título e os objectivos que a mesma pretende atingir, o seu interior apresenta um conjunto de artigos de muito interesse, relacionados com a NATO face à mudança, com o Comando e Chefia Militar na sociedade contemporânea, com a BMI em operações multinacionais, com Operações de Apoio à Paz, sem esquecer o 3ºBIMoto/SFOR. Os leitores podem ainda apreciar, neste primeiro número da revista "Atoleiros", um artigo sobre "Os Sistemas Electrónicos na segurança às instalações das Unidades do Exército" e outro sobre a "Instrução de Quadros". Faz ainda parte do conteúdo do primeiro número da revista, e provavelmente com carácter de continuidade, uma secção subordinada ao genérico "SITREP", relacionada com notícias várias do Campo Militar e da Brigada, além de outras sobre a "Escola Primária do CMSM", "Jardim de Infância" do mesmo Campo Militar, "Educação Física e Desportos" e "Livros".

O Jornal do Exército saúda a nova congénere da imprensa militar e deseja-lhe longa vida em prol dos seus leitores.



FICHA TÉCNICA

Atoleiros

Revista Militar do Campo Militar de Santa Margarida
e da Brigada Mecanizada Independente

DIRECTOR:
Comandante do CMSM/BMI
Major General Jorge Manuel Silvério

REDACÇÃO:
SIIRP/OG/BMI

PROPRIEDADE:
OG/CMSM - 2250 Constância

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Tipografia Papelaria Marques
Rua Direita, 23 • 2140-665 Carregueira

Tiragem: 500 Exemplares

Depósito Legal nº 135479/99

Preço: 500\$00



Editorial

Passados seis meses e como prometido, "ATOLEIROS" reaparece para dar notícias das actividades desenvolvidas pelos militares e civis que servem o Exército no Campo Militar de Santa Margarida e na Brigada Mecanizada Independente.

Neste período salientamos a acção do 3ºBIMoto/Sfor no Teatro de Operações da Bósnia-Herzegovina e o excelente comportamento de todos os seus militares que, com a sua competência profissional, coesão e disciplina, cumpriram eficientemente a MISSÃO, honraram os seus antecessores e dignificaram a BMI e o nosso Exército.

Prosseguimos com determinação no cumprimento das nossas tarefas, empenhando-nos na instrução e treino operacional das nossas Unidades, apoiando o aprontamento de forças a destacar para o exterior do nosso Território e satisfazendo os pedidos que as Escolas Práticas, Academia Militar e os outros Ramos das Forças Armadas nos colocam para apoio à realização dos seus exercícios.

Apesar das dificuldades de natureza financeira e logística, dedicaremos especial atenção à manutenção das infraestruturas de apoio à instrução e à vida dos militares e civis que aqui servem, conscientes dos desafios que se nos colocam no que concerne à melhoria das condições de habitabilidade, particularmente dos militares em RV/RC e dos que utilizam os Blocos Militares.

Aos militares e civis que, no dia a dia, servem o Campo e a Brigada com abnegação e entusiasmo, testemunho o meu reconhecimento e exorto a prosseguir, com serenidade e determinação, no cumprimento da NOSSA MISSÃO.

*Jorge Manuel Silvério
Major General*

ATOLEIROS



No plano militar, associa-se, normalmente, a batalha de Aljubarrota à consagração, entre nós, de uma nova tática militar. Mas essa nova tática triunfara já, em Portugal, na anterior batalha dos Atoleiros, travada a 6 de Abril de 1384.

A crise política de 1383 - 1385 e o papel decisivo desempenhado nela pelas classes populares e pela burguesia são, normalmente, associados à consolidação da nacionalidade portuguesa, à formação da Nação e à confirmação da sua autonomia política. Segundo as palavras de Jaime Cortesão, "com a revolução de 1383, Portugal entra na maioridade". A nobreza tradicional que, na sua maioria, por interesses de classe, conjuntamente contrários ao interesse nacional, tomou o partido de Castela, foi vencida na guerra e a sua influência foi temporariamente substituída pelo predomínio político, social e económico da burguesia comercial, apoiada pelos juristas, defensores do reforço do poder real. Nas palavras de António Sérgio, "Aljubarrota, pois, consagra a independência de Portugal, a nova orientação da sociedade, e a queda de grande parte da nossa antiga aristocracia, substituída por gente nova."

No plano militar, associa-se, normalmente, a batalha de Aljubarrota à consagração, entre nós, de uma nova tática militar. Mas essa nova tática triunfara já, em Portugal, na anterior batalha dos Atoleiros, travada a 6 de Abril de 1384. Recordemos, resumidamente, o seu enquadramento político e o seu desenvolvimento militar.

A morte do rei D. Fernando (1383) provoca a última das grandes convulsões portuguesas

do período medieval, ao mesmo tempo uma revolução social e uma revolução nacional, que se integra, no plano europeu, na crise final da monarquia e da sociedade medievais.

D. Leonor Teles, apoiada pela nobreza e pela alta burguesia, faz aclamar a sua filha D. Beatriz, casada poucos meses antes com o rei de Castela, D. João I, e assume a regência do reino até que aquela tivesse um filho varão maior de catorze anos, que seria o herdeiro da coroa portuguesa. Esta situação provoca reacções diversas e faz deflagrar a revolta popular em Lisboa, culminando um período de intensa conflitualidade da sociedade, entre senhorios e servos, entre nobres e burgueses e entre burgueses e mesterais. Sublevados contra a rainha e contra quem a apoia, os mesterais e o «povo miúdo» de Lisboa proclamam o Mestre de Aviz «regedor e defensor do reino», isto é, regente do reino. A revolta alastra a outras regiões do país, assumindo no Alentejo proporções e características especiais.

A pedido de D. Leonor Teles, o rei D. João I de Castela entra em Portugal para sufocar a revolta, chega a Santarém, onde se encontra a regente, em 12 de Janeiro de 1384 e, aproveitando a sua impopularidade, obriga-a a desistir da regência em seu favor. Entretanto, enquanto D. João I de Castela prepara e organiza o cerco a Lisboa, o Mestre de Aviz toma as

providências para a defesa da cidade e do resto do País. Nomeia D. Nuno Álvares Pereira para fronteiro do Alentejo, entre outras razões porque soubera que novas forças, chamadas pelo rei castelhano, operavam nessa região, donde seguiriam para Lisboa.

A hoste de D. Nuno, quando alcança Estremoz, reúne já cerca de 300 lanças, pouco mais de 1000 peões e cerca de 100 besteiros. Por seu turno, a hoste castelhana, que depois do Crato cerca e toma Fronteira, conta mais de 1000 lanças, muitos ginetes e grande número de peões. No sítio dos Atoleiros, D. Nuno toma posição de combate; faz desmontar os cavaleiros e dispõe as forças formando um quadrado. Na vanguarda coloca a maioria das lanças e nas alas e retaguarda os peões. Fracassada a tentativa de dissuadir D. Nuno do combate, os



castelhanos atacam a cavalo, em vagas sucessivas. Atingidos, primeiro, pelos dardos e virotões atirados pelos peões e espetando os cavalos, depois, nas lanças baixadas pelos homens que guarnecem a vanguarda, os castelhanos são rapidamente derrotados. Sigamos a descrição da batalha feita por Fernão Lopes:

Como Nun'Álvares foi em aquele lugar, sendo já certo que os castelãos vinham à batalha, fez logo descer pé terra todolos homens d'armas, e dessa pouca gente que tinha concertou suas batalhas da vanguarda e reguarda e alas direita e esquerda; e fez concertar os besteiros e homens de pé pelas alas, onde entendeu que melhor estariam pera bem pelejar. E receando-se dos homens de pé, que lhe não falecessem por os castelãos que eram muitos, pôs alguns homens d'armas com eles, dizendo-lhe que se eles vissem que tornavam atrás, que os matassem.(...)

Os castelãos traziam vontade de pelejar pé terra, e Nun'Álvares assim o entendia. E quando viram os portugueses postos daquela guisa pera morrer ou vencer, mudaram seu propósito e ordenaram de vir à batalha de cavalo atrevendo-se que eram muitos e bem encavalgados e que logo os desbaratariam como dessem em eles, a qual cousa a todo homem razoado parecia ser assim. E concertaram suas batalhas a cavalo, e os ginetes se apartaram com a carriagem em uma ladeira de um pão verde, logo acerca dhu havia de ser a peleja.

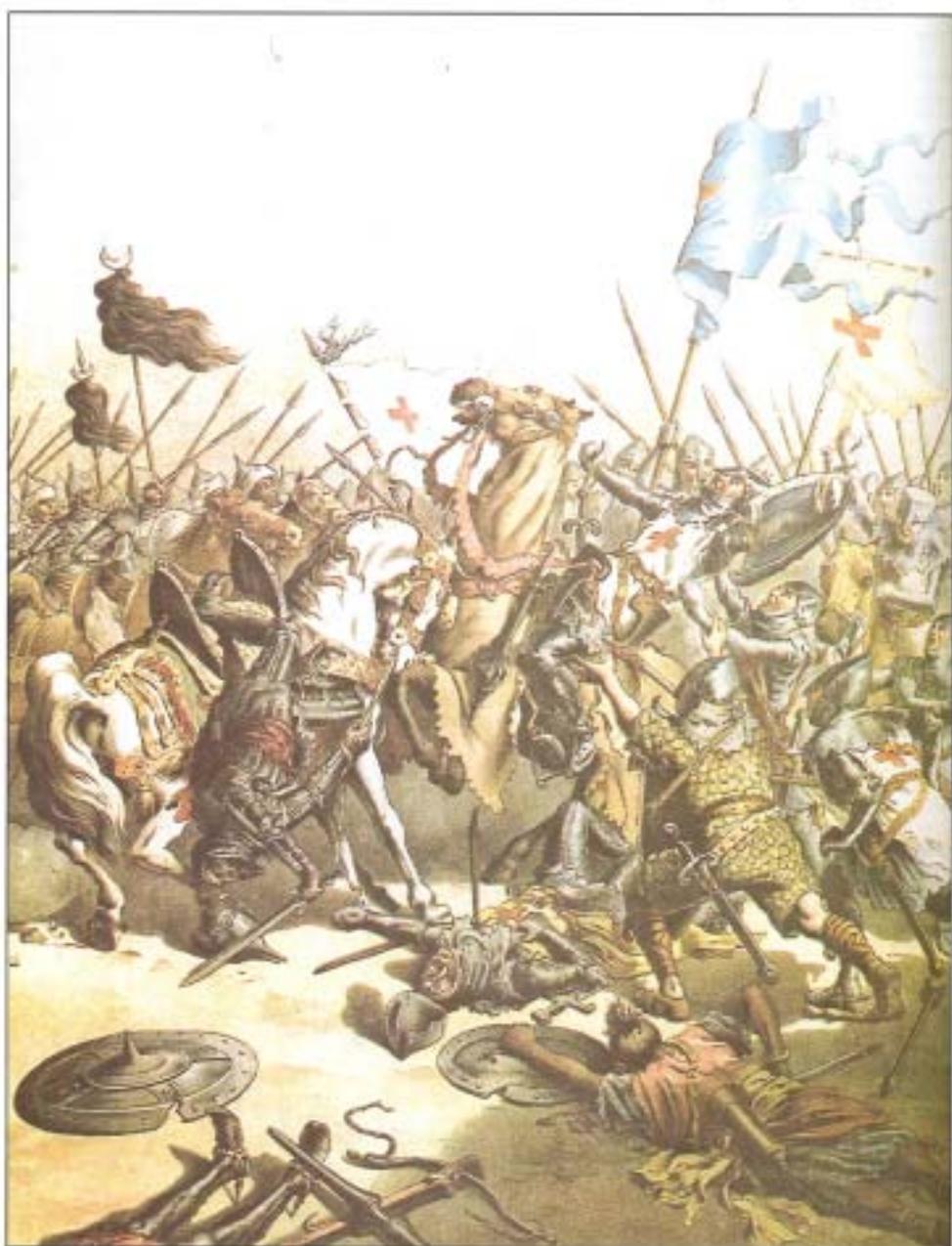
Então moveram os castelãos com grande esforço contra eles, as lanças so os braços mui rijo d'encontro, dando grandes vozes e alari-

A hoste de D. Nuno, quando alcança Estremoz, reúne já cerca de 300 lanças, pouco mais de 1000 peões e cerca de 100 besteiros.

dos, chamando: Castilha! Santiago!

Nun'Álvares e os da sua parte, chamando Portugal e S. Jorge!, abaixaram as lanças cada um ao seu. E os cavalos, topando em elas, alguns deles caíram logo em terra com seus donos; outros, ante que de todo chegassem topar na batalha, eram feridos de virotões e dardos que lançavam homens de pé per cima dos homens d'armas; e os cavalos, alvorando, lançavam de si os que em eles vinham; deles

No sítio dos Atoleiros, D. Nuno toma posição de combate; faz desmontar os cavaleiros e dispõe as forças formando um quadrado. Na vanguarda coloca a maioria das lanças e nas alas e retaguarda os peões.



com as feridas queriam dar volta, e tornando atrás e topando em outros, caíam em terra.

Semelhantemente, vinham outros de refresco, que estavam atrás pera isto prestes, e assim lhes avinha como aos primeiros; e

Nun'Álvares com os seus sobre eles matando, de guisa que prougue a Deus de os castelãos serem desbaratados.

E posto que a batalha fosse pelejada de vontade, mui pouco durou que se logo não venceu.(...)³



No dizer de Fernão Lopes, D. Nuno Álvares Pereira *foi o primeiro que, da memória dos homens até este tempo, pôs batalha pé terra em Portugal e a venceu*¹. O Condestável tirou partido da circunstância de o grosso das suas tropas ser constituído por peões e, com a nova táctica militar - que repetiu em Aljubarrota - provocou e derrotou facilmente os castelhanos, que permaneciam fiéis à tradicional táctica militar medieval.

Apesar de o prélio *mui pouco espaço durou*, foi grande, contudo, a importância sob o aspecto moral *desta bem-aventurança primeira, que Deus deu a Nun'Álvares e aos Portugueses*², no dizer de Fernão Lopes, fortalecendo a sua

confiança na vitória final da causa do Mestre de Aviz e de Portugal.

As batalhas de Atoleiros e de Aljubarrota são, geralmente, associadas às primeiras vitórias, na Península Ibérica, da infantaria sobre a cavalaria. A verdade, contudo, é que se tratou de acções episódicas e que marcaram, sobretudo, a vitória da cavalaria apeada, equipada com boas armas defensivas, sobre a cavalaria montada, táctica característica do século XIV, mas que não teria continuação, já que, menos de meio século depois, a cavalaria voltaria a combater a cavalo. A ideia de organizar a infantaria como principal núcleo combatente é bastante posterior e só chegaria a

O Condestável tirou partido da circunstância de o grosso das suas tropas ser constituído por peões e, com a nova táctica militar - que repetiu em Aljubarrota - provocou e derrotou facilmente os castelhanos.

Portugal em finais do século seguinte. Curiosamente, seria também episódico e conjuntural o domínio político e social da burguesia sobre a nobreza.



Decerto que hoje, integradas que são as duas nações que em Atoleiros se bateram em campos opostos numa mesma União Europeia e num mundo cada vez mais globalizado, as batalhas são outras. Mas conhecer, compreender e assumir o seu percurso histórico, onde se inscrevem valores e ideais que o tempo não destrói,

constitui para as nações o mais sólido fundamento da sua identidade colectiva. Em Atoleiros, como depois em Aljubarrota, «não foi a ambição do poder que terçou armas. Foi a liberdade que não se deixou vencer por nenhum argumento»³. E aqueles poucos portugueses que esperaram a pé firme o inimigo de então e o venceram, ensinam-nos que, sem deixarmos de ser cidadãos do mundo e europeus, «somos iniludivelmente uma singularidade nacional no temperamento, na acção e na cultura»⁷.



Augusto José Monteiro Valente
Coronel Tirocinado de Infantaria

Notas:

¹ CORTESÃO, Jaime, Os Factores Democráticos na Formação de Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1984, pg. 123.

² SÉRGIO, António, Breve Interpretação da História de Portugal, Lisboa, Clássicos Sá da Costa, 1989, pg. 35.

³ LOPES, Fernão, História de uma Revolução, Mira-Sintra - Mem Martins, Publicações Europa-América, 1977, pg. 248/249

⁴ ibid.

⁵ ibid.

⁶ Miguel, Diário XIV, Coimbra, 1987, pg. 44.

⁷ Idem, pg. 81.



O Grande Desafio do Exército Português nos próximos anos

Subsídios para a sua resolução

As Forças Armadas Portuguesas e o Exército em especial, encontram-se numa encruzilhada, pois a transição dum sistema baseado na conscrição para um sistema semi-profissional baseado exclusivamente em militares a prestar serviço em regime de voluntariado e contrato, não se avizinha tarefa fácil pelas razões que passamos a apresentar:

1. O Exército no início do próximo milénio necessita de ter um efectivo de cerca de 16000 homens por forma a poder alimentar o Sistema de Forças Nacional, que vai ser por obrigatoriedade legal constituído por militares em regime de RV/RC.
2. O Exército não pretende abrir um Quadro de Praças do Quadro Permanente pois nas "especialidades combatentes", são necessários militares jovens, capazes de suportar as diversas tarefas que lhes são incumbidas.

3. O Estado em termos de vencimentos não pode depender muito mais dinheiro, uma vez que esse facto iria provocar uma "décalage" nos vencimentos em todos os postos, facto que se tornaria incomportável em termos orçamentais.

4. A maior parte dos militares em regime de RV/RC existentes no Exército são recrutados do SERVIÇO EFECTIVO NORMAL, ou seja após o cumprimento do serviço militar solicitam a continuação da prestação de serviço nas fileiras.

Partindo destas premissas e atendendo a que a maioria dos inquéritos efectuados aos militares em RV/RC quando abandonam o Exército apontam duma forma geral para quatro razões de saída que são:

1. Falta de perspectivas futuras após prestação do serviço

2. Vencimento insuficiente

3. Não ficarem obrigatoriamente colocados perto de casa ou perto de Universidades /Escolas/Centros de Formação Profissional, onde possam prosseguir estudos e/ou arranjar um modo de vida.

4. Pouco pendor na parte operacional/desgaste da maior parte do tempo em segurança e tarefas de embelezamento dos aquartelamentos vulgo "capinar".

Vamos tentar encontrar uma solução conciliável de pontos de vista, apresentando algumas ideias, que poderão servir como um contributo para ajudar a encontrar soluções para este problema, que é bastante complexo.

Estas ideias vão ser sucintamente explanadas ao longo dos próximos parágrafos e todas elas necessitam, para ser implementadas de um longo e aturado estudo, pois necessitam ainda de alguma maturação.

Recrutamento

(Obtenção de recursos humanos para o Exército)

Com a extinção do SEN o recrutamento de praças em sistema de RV/RC vai ter de deixar de ser um recrutamento interno, ou seja vamos ter de concorrer no mercado de trabalho de obtenção de recursos





humanos, com outros organismos do estado e com empresas civis em igualdade de circunstâncias.

Para isso a política de recrutamento tem de passar a ser uma política agressiva, sendo necessário recorrer a campanhas de MARKETING, muito bem pensadas e estruturadas, que reúnam na sua concepção e implementação equipas multidisciplinares, constituídas por militares e civis ligados a esta área.

Uma campanha de Marketing como sabemos não se baseia só na publicidade, como à primeira vista uma pessoa menos versada neste assunto poderá ser levada a pensar.

Uma campanha de Marketing tem de ser estudada em cinco vertentes fundamentais, que na literatura inglesa da especialidade são conhecidas pelos cinco P(s), Product, Price, Placement, Promotion (sendo a publicidade uma das formas de se efectuar a promoção dum produto), e Productivity.

Um estudo a efectuar por profissionais do ramo em conjugação com os militares pode levar a que se faça uma campanha concertada, e estruturada nestas cinco vertentes adaptadas ao caso em estudo, facto que poderá contribuir preponderantemente para o recrutamento eficaz dos recursos humanos necessários ao Exército.

Racionalização dos Recursos Humanos

Com a redução do número de militares no Exército para um efectivo

de cerca de 16000 homens é necessário rentabilizar os recursos humanos, por forma a podermos garantir o potencial humano necessário para alimentar o Sistema de Forças Nacional.

No caso do Campo Militar de Santa Margarida, realidade que conhecemos melhor, diariamente cerca de quatrocentos militares estão escalados de serviço num efectivo total de cerca de 3000 homens. Este número é o de militares que prestam serviço diariamente nos bares, nas cozinhas, nas messes, nas arrecadações de material de guerra, nas arrecadações de material de aquartelamento, nos paióis, no Supermercado e Manutenção Militar, e que efectuem a segurança interna dos aquartelamentos. Se a este número acrescentarmos o de funcionários civis do QPCE e outros, que trabalham na limpeza diária dos aquartelamentos, vemos que este número que à primeira vista é exagerado acaba por o não ser, pois a realidade ainda o ultrapassa.

Este inúmero dispêndio em pessoal de serviço escalado diariamente, poderia em nossa opinião ser muito diminuído se a maioria destes serviços fossem efectuados por empresas civis, com benefícios para a melhoria do serviço prestado ao nível da qualidade final.

A Instituição Militar em nosso entender deve dedicar-se ao seu "CORE BUSINESS", ou seja deve prestar à Pátria o serviço para o qual foi criada, a "DEFESA" no sentido lato do termo. Para que isso aconteça deve recorrer ao "OUT SOURCING" para efectuar os serviços subsidiários, ou seja a Instituição Militar deve contribuir para o

crescimento e desenvolvimento económico do País como "EMPRESA GERADORA DE OUTRAS EMPRESAS".

A título de exemplo vamos nos referir a algumas reformas que no nosso entender se poderiam realizar, no âmbito dos conceitos supra explanados, e que vão naturalmente gerar alguma polémica, pois a Instituição Militar à qual pertencemos é na maioria dos casos resistente à mudança, que inevitavelmente vai ter que se dar com o desaparecimento do SEN.

1. A segurança das unidades tal como hoje é feita na maioria das unidades, é baseada exclusivamente na segurança física das instalações recorrendo a postos de sentinela. Com a carência de pessoal que existe neste momento e que se tem vindo a agravar progressivamente, alguns postos de sentinela foram abolidos.

Vamos ter de concorrer no mercado de trabalho de obtenção de recursos humanos, com outros organismos do estado e com empresas civis em igualdade de circunstâncias.

O recurso a sistemas de segurança mistos integrados, utilizando as tecnologias hoje disponíveis em conjugação com o homem, deverá ser o caminho a seguir, ou seja a segurança deverá passar a ser executada recorrendo a sistemas integrados de sensores, de alarmes de câmaras vídeo ligadas a circuitos internos de televisão, de patrulhas móveis constituídas por militares devidamente armados, prontos a actuar em caso de necessidade em qualquer ponto da unidade, complementado com a utilização de cães de guarda.

2. Os bares das unidades poderão passar a ser, por concurso público, explorados por empresas civis do sector de restauração.

3. O serviço de limpeza das instalações pode ser executado por empresas do sector, à semelhança do que se faz já em algumas unidades e órgãos do Exército.
4. A confecção e distribuição da alimentação poderia da mesma forma ser entregue a empresas do ramo de restauração, que fornecem refeições para cantinas industriais.
5. Em última análise, quase todos os serviços por nós efectuados, podem ser desempenhados por empresas civis, poupando-se assim milhares de militares, que poderão ser empregues em actividades do âmbito operacional.

Questionar-se-ão alguns "Velhos do Restelo", sobre a forma de efectuar estes serviços em campanha dado que os militares por falta de "training in job", poderão não estar aptos ao seu desempenho.

Como verificaram não nos referimos neste trabalho ao facto de se entregarem os serviços desempenhados pelo(s) Batalhão(ões) de Apoio de Serviços nem do CAL nem das Brigadas, nem dos Batalhões a nenhuma empresa civil, pois estes serviços são imprescindíveis à sustentação e apoio logístico das unidades em campanha.

A instrução das unidades de Apoio de Serviços, à semelhança de qualquer unidade operacional deve ser ministrada da mesma forma que a instrução colectiva de qualquer unidade operacional, através de fichas de ICOL, com parâmetros de avaliação de desempenho bem definidos.

Vencimentos e seus Complementos

O factor vencimento é um factor importante pois nos dias de hoje é um dos factores decisivos que fazem os jovens balancear. A sociedade de onde emanam é uma sociedade de consumo onde o sucesso depende do dinheiro, sendo este em última análise o único "valor" que os jovens conhecem.

Para que os jovens adiram a prestar serviço nas FA é pois necessário que os vencimentos a auferir sejam dignos, permitindo ao militar ter qualidade de vida.

As Forças Armadas, à semelhança de outras instituições civis podem conseguir com facilidade "complementos de vencimento", que sem aumentar consideravelmente os vencimentos dos militares, podem contribuir substancialmente para o aumento da qualidade de vida dos militares e famílias, e consequentemente dos RV/RC, com a vantagem de não serem objecto de qualquer tipo de impostos.

Esses complementos de vencimento, podem ser conseguidos de várias formas, que sem pretendermos ser exaustivos vamos de seguida enunciar:

Para que os jovens adiram a prestar serviço nas FA é pois necessário que os vencimentos a auferir sejam dignos, permitindo ao militar ter qualidade de vida.

unidades que possuam quartéis, permitindo assim aos militares a prestar serviço em sistema de RV/RC, que podem permanecer ao serviço até aos 30 trinta anos de idade, a possibilidade de se casarem e de constituir família.



1. Estabelecer protocolos com empresas civis ou do estado, que à semelhança do protocolo estabelecido com o CPP poderão proporcionar algumas regalias aos seus membros.
2. Prestar assistência na doença gratuitamente aos militares e às famílias dos militares em regime de RV/RC. Os tratamentos e internamentos hospitalares deverão ser gratuitos em todos os hospitais da rede pública.
3. Apoiar a família dos militares RV/RC em termos maior contribuição na compra de produtos farmacêuticos.
4. Investir na área de construção e ou aquisição de prédios de apartamentos perto das
5. Promover todas as praças com condições de acesso aos postos imediatos, pois verifica-se a saída de muitos militares RV/RC pelo motivo invocado.

Maior Pendor na Instrução

Os calendários da instrução definidos anualmente no plano de curso de SEN, terão que ser mais flexíveis por forma a que quando exista o número de homens suficiente para formar um pelotão, estes sejam mandados apresentar imediatamente num centro de instrução, por forma a diminuir o tempo de resposta entre o "pedido e a satisfação".

A instrução a ministrar aos soldados recrutas com destino ao regime de RV/RC deve ser repensada, devendo ser aumentados os seus graus de exigência, pois a um Exército semi profissional a Nação através do poder político poderá exigir o cumprimento de um maior número de missões. Assim a Preparação Militar Geral e a Preparação Complementar deverá ser dura, e exigente por forma a preparar o militar individualmente para poder iniciar a instrução colectiva em unidades constituídas. A ICOL terá que ser ministrada de forma a que as unidades no final de cada ciclo estejam aptas a efectuar operações quer no âmbito do art 5 da NATO, quer no âmbito das operações de apoio à paz.

Como complemento do que foi dito e para permitir recrutar um "nicho de mercado" na população em idade de servir nas fileiras do Exército, deverão ser reintroduzidas as fichas de ICOL referentes a transposição de obstáculos utilizando os métodos de Rappel e Slide, pois a juventude procura cada vez mais desportos que proporcionem emoções fortes, os chamados desportos radicais.

Devolução dos Cidadãos à Sociedade mais válidos

Para obviar o problema de emprego no final do tempo de serviço militar, temos de pensar em algumas soluções, que passam pela potenciação das possibilidades das UNIVA(s) (Unidade de Intervenção na Vida Activa), atribuindo-lhes a título de exemplo meios informáticos com ligação à Internet, meio onde hoje em dia existe uma grande bolsa de empregos, e pelo investimento e empenhamento na Formação Profissional, tendo em vista devolver o cidadão à sociedade civil com uma mais valia, e com um emprego.

A Formação Profissional é pois em nosso entender um trunfo, onde a Instituição Militar pode e deve hoje investir, ou em parceria com os Centros de Formação do IEFP, ou

através do estabelecimento de Portarias conjuntas entre o Ministério da Defesa Nacional e os Ministérios do Emprego e da Educação tendo em vista o conseguir o reconhecimento do Exército como entidade formadora devidamente certificada, passando algumas das nossas especialidades a ter reconhecimento oficial.

Para além das medidas preconizadas cabe ao Estado legislar por forma a que sejam dadas aos militares que prestam ou tenham prestado serviço como RV/RC preferência no acesso a empregos na função pública. No mínimo que em concursos de acesso aos quadros permanentes quer de militares quer de civis das Forças Armadas e das Forças de Segurança seja dada preferência a militares ou ex-militares que tenham cumprido o serviço militar na situação referida.

Caso específico do Campo Militar de Santa Margarida

O CMSM/BMI deve ser tratado de forma específica em relação ao Exército, dado que fica situado longe dos grandes centros populacionais



A instrução a ministrar aos soldados recrutas com destino ao regime de RV/RC deve ser repensada, devendo ser aumentados os seus graus de exigência.

(com todos os inconvenientes que tal facto acarreta a todos os níveis, de que se destacam o acesso ao ensino secundário e superior), o que conjugado com a sua difícil acessibilidade, dificulta quer a obtenção quer a manutenção de voluntários e contratados em quantidade suficiente para as necessidades do CMSM:

Para tentar minimizar estes problemas, e para além do que já referimos para o Exército em geral nos números anteriores, vamos apresentar algumas hipóteses de solução:

- 1- Sensibilizar o Comando do Exército para que os militares a prestar serviço neste Campo em regime de RV e de RC tenham as mesmas regalias em termos de incentivos pecuniários. Os militares que se encontram a prestar serviço neste Campo Militar enquanto estão a prestar serviço em regime de voluntariado auferem um suplemento de vencimento pecuniário, e é-lhes fornecida a 3ª refeição gratuitamente, regalias essas que cessam imediatamente quando o militar passa a prestar serviço em regime de contrato.
- 2- Tornar obrigatória a prestação Serviço Militar nesta Brigada, pelo menos durante o período de 18 meses, a todos os mancebos que pretendam prestar serviço em regime de RV/RC, após o que obrigatoriamente seriam, se assim ainda o desejassem, colocados nas UEO de sua preferência.
- 3- Planear e executar actividades em quantidade suficiente, por forma a ocupar os tempos

livres dos militares que prestam serviço nesta Brigada recorrendo, à incentivação da prática de actividades desportivas ou actividades de outros âmbitos de interesse dos militares.

- 4- Construir uma infraestrutura que permita que nela se possam desenvolver actividades do âmbito lúdico, recreativas e culturais, onde possam ser instalados restaurantes, lojas, salas de jogos electrónicos, bares, tabacarias e outras que o comando achar convenientes, a ceder por exploração a empresas civis.
- 5- Instalar uma "MEDIATECA", na infraestrutura referida no ponto anterior ou noutra disponível, onde se instalassem salas de vídeo, de televisão, de computadores com ligação à Internet e biblioteca, por forma a contribuir para o desenvolvimento cultural dos militares.
- 6- Construir um complexo habitacional novo para praças a prestar serviço em regimes de RV/RC.
- 7- Prestar apoio social aos militares e às famílias dos militares que se venham a instalar neste campo, através do fornecimento de refeições aos preços praticados pela MM nas Messes, e da prestação de apoio sanitário gratuito.

8- Sensibilizar o comando do Exército por forma a que este atribua o maior número possível de missões no estrangeiro a esta brigada, pois sempre que é atribuída uma missão no exterior a esta unidade verifica-se um incremento de adesão de militares ao regime de RV/RC.

- 9- Atribuir fardamento especial e diferente aos militares que servem nesta brigada (incluindo a atribuição duma cor diferente para a boina), pois este é um factor importante na cativação e motivação dos jovens.
- 10- Dar acesso à educação pré-escolar e escolar aos filhos de todos os militares gratuitamente, nem que para isso tenham que se construir as infraestruturas necessárias.
- 11- Atribuir cartas de condução de pesados aos militares em RV/RC que o solicitarem como forma de incentivo.
- 12- Melhorar as casernas dos soldados, tendo em vista a transformação destas em quartos de 6 elementos no máximo, dotadas de meios que proporcionem comodidade e privacidade.
- 13- Promover visitas das escolas da região à BMI.
- 14- Implementar em todas as unidades do CMSM de sistemas integrados de segurança, conforme já referido em nº anterior



- 15- Ministrando Cursos de Formação Profissional certificados pelo IEFP em áreas que garantam o pleno emprego.
- 16- Promover protocolos com os estabelecimentos de ensino superior da região, por forma a conseguir cativar um determinado número de vagas exclusivamente para militares em regime de RV/RC a prestar serviço na BMI.

Algumas destas medidas estão a ser estudadas nesta unidade por forma a poder responder em tempo as exigências que lhe forem determinadas superiormente.

*Nuno Miguel P Dias Pereira da Silva
Major de Infantaria*



Tipografia
lapelaria

MARQUES

de: ROGÉRIO MARQUES DA GRAÇA

Artes Gráficas

Telefs. 249 740250
249 740379
Fax 249 740379

e-mail: tip.marques@mail.pt

Rua Direita, 23 - 2140-665 CARREGUEIRA

Impressão em:

Tipografia e Offset
Fotocomposição
Seleção de Cores
REVISTAS • DESDOBRÁVEIS • CATÁLOGOS
DESIGN GRÁFICO • LOGOTIPOS • SIGLAS
Serigrafia



“Estratégia Militar”

Sua Importância no Universo Empresarial

O conceito de “**ESTRATÉGIA**” tal como é conhecido, bem como a sua aplicação, tem vindo a ser aplicada desde os primórdios da humanidade, quando se pretendia levar a melhor sobre qualquer “inimigo”, as pessoas sem se aperceberem criavam a sua estratégia que umas vezes resultava em pleno, outras nem por isso.

Foi com base na busca constante do sucesso, de forma a combater possíveis inimigos que a “**Estratégia**” passou a ser levada a sério e se tornou indispensável, na vida dos exércitos. Claro está que a melhor ou pior “**Estratégia**” depende do bom ou mau Estratega, no caso concreto dos Exércitos depende grandemente das opções dos Comandantes das forças, que perante determinado inimigo ou determinadas condições decide aplicar uma ou outra estratégia ou ainda adaptar determinado sistema que julgue ser o melhor para determinada situação de forma a ter sucesso na acção que vai desenvolver, isto será estratégia visto não haver conceitos fixos, nem infalíveis, pois tudo está dependente de vários factores a ter em conta.

Desde sempre nós **MILITARES** trabalhamos a estratégia com base em duas fontes importantíssimas que são invariavelmente fornecidas pela informação:

Em 1º lugar a Estratégia baseia-se num profundo conhecimento do terreno onde vai decorrer a acção.

Em 2º lugar consiste numa eficaz avaliação tanto das nossa forças como das do nosso inimigo.

É neste contexto e com base nestes dois princípios que as **EMPRESAS** de grande **SUCESSO** se apoiam para poderem projectar o seu futuro e garantir a sua existência dentro de determinados nichos de mercado.

Este princípio aplicado ao sector Empresarial surgiu em princípios dos anos sessenta e nos Estados Unidos da América. Muito rapidamente estes conceitos sobrepuseram-se a qualquer outro, e o seu termo de referência foi adoptado do vocabulário **MILITAR**; a analogia entre a Empresa em situação de concorrência e o **GENERAL** (Comandante) que dispõe as suas Tropas no Teatro de Operações face ao inimigo é por demais evidente nos nossos dias.

Porém o grande chavão das Empresas para reflectirem sobre a

sua **ESTRATÉGIA** está contida numa interrogação Inglesa “*What business are we in?*” que significa basicamente: *Qual o nosso negócio.*

Dentro deste contexto uma das mais prestigiadas “**BUSINESS SCHOOLS**” de todo o mundo lançou uma nova cartada na pessoa de M. Porter, vindo directamente da Economia Industrial. Este sentindo um malicioso prazer de demonstrar ao mundo que os métodos ditos operacionais só resultavam num pequeno número de casos particulares, e que não passava portanto duma sub-teoria, ínfima perante um todo muito vasto, desta forma nasceu a chamada **análise concorrencial** e é hoje completamente impossível falar de **ESTRATÉGIA** sem começar por falar desse tipo de análise.



Porém as Escolas de análise Estratégica preocupam-se mais com a avaliação das suas próprias forças, sem dúvida que a conjectura económica da época não incentivava os estrategas a interessarem-se pelos assuntos externos às Empresas.

Entretanto há já bastante tempo que muitos trabalhos teóricos se têm dedicado de corpo e alma à análise da concorrência para poderem singrar no mercado e as razões são bastante claras.

A internacionalização crescente das economias projectou consideravelmente o campo da Análise Concorrencial para definir qual a melhor ESTRATÉGIA a adoptar.

Por exemplo as viaturas Japonesas eram praticamente desconhecidas até à cerca de trinta anos, quando a indústria Europeia descobriu o mercado comum.

Para o desagrado de muitos a crise económica mostrou aos gestores de Empresas Ocidentais que as suas capacidades eram efémeras. Novos Países apareceram na cena Internacional. Assim a Coreia e Paquistão tornam-se bastante

competitivos na área da construção civil, Singapura e Hong Kong revolucionaram por completo a relojoaria e a electrónica Japonesa começa a dominar o Mundo.

A análise Estratégica assentou durante bastante tempo nos conceitos desenvolvidos no período antigo. As estratégias da moda eram então o crescimento, a internacionalização e a diversificação. O estudo pormenorizado da concorrência (INIMIGO) resumia-se à distribuição das quotas de mercado, e a regra de ouro era tornar a empresa forte e dominante dentro dos sectores de crescimento, o que pode ser um sucesso de mercado dentro de determinado nicho de mercado pode ser um fracasso dentro de um outro nicho de mercado geograficamente não muito afastado.

Desta forma apareceram conceitos mais ricos, como o da posição concorrencial, e uma profunda reflexão levou a duas orientações distintas:

- A análise do contexto concorrencial (1)
- A tipologia dos sistemas concorrenciais (2)

No ponto (1) manifestou-se pela entrada da economia industrial no pensamento estratégico e é caracterizada nos trabalhos de Porter nos E.U.A. e de Adefi em França.

O ponto (2) é aprofundado pela BCG (Boston Consulting Group) em resposta às críticas do modelo precedente.

Esta matriz é a mais antiga e a de mais simples aplicação, articula-se em torno de duas variáveis estratégicas:

- A taxa de crescimento do segmento de actividade analisado
- A quota de mercado relativa da empresa no referido segmento

Da análise do contexto concorrencial constata-se que todo o sector de actividade se insere numa fileira de transformações, que vai desde a matéria prima até ao produto final que vai ser adquirido pelo público potencial comprador e principal avaliador da estratégia posta em causa, cada sector está assim interposto entre um sector fornecedor e um sector cliente, uma fase a montante a outra a jusante.



Este tipo de análise é igualmente influenciado pela maior ou menor dificuldade de entrar ou sair do sector, o número de empresas que a ele têm acesso é bastante importante no jogo concorrencial.

Existem quatro forças que influenciam do exterior a dinâmica concorrencial e intrasectorial, que serão analisadas de seguida:



Estas têm origem no poder relativo das duas cadeias que uma fileira pode ter, para se poder aferir o perigo destas pressões em certos sectores de actividade, há que verificar as relações que estas mantêm com o sector a montante (fornecedores) e a jusante (clientes), estes dois critérios são válidos para os dois, pois têm a mesma finalidade ou seja tentam avaliar a relação fornecedor/cliente e a posição de força de um relativamente ao outro, essa posição deriva das cinco forças de concorrência acima identificadas.

Factores chave para determinado produto se implantar em determinado nicho de mercado:

- **CONCENTRAÇÃO** de um sector relativamente a outro tem como referência as quotas de mercado por um maior ou menor número de empresas, uma grande concentração confere ao sector que dela beneficia um grande poder negocial, logo vai exercer grande pressão sobre outro, as

relações entre fabricantes e distribuidores são um bom exemplo, a segunda pode ditar as leis aos primeiros.

- **QUALIDADE** implica que o produto em causa que é produzido ou o serviço que é prestado por um sector de actividade é fortemente condicionado pela qualidade que é comprada ao fornecedor, este possui então perante o cliente um enorme poder negocial, como é o caso concreto dos fabricantes de microprocessadores face aos fabricantes de micro-computadores.
- **DIFERENCIAÇÃO** esta torna muito complicada a substituição de um produto por outro e dá um certo poder sobre o cliente, no caso de produtos mais banais é o cliente que começa por deter esse poder.

O primeiro aspecto a ter em conta como ponto de partida para qualquer empresa dentro do mercado

tem a ver com a correcta avaliação da concorrência, este é um factor-chave de sucesso em todos os domínios de actividade, embora cada domínio de actividade se caracterize por uma combinação específica das quais podemos distinguir cinco grandes categorias:

1. A posição no mercado pode exprimir-se pela quota de mercado e sua evolução;
2. A posição da empresa em matéria de custos de aprovisionamento (ter só o essencial), custos de produção e comercialização;
3. A imagem comercial;
4. As competências técnicas e tecnológicas;
5. Poderio financeiro e económico.

Estes diferentes critérios não têm o mesmo peso, alguns deles são determinantes no início de actividade outros quando os produtos entram na fase de maturidade e/ou declínio.

FASES	ARRANQUE	EXPANSÃO	MATURIDADE	DECLINEO
FACTOR-CHAVE DE SUCESSO	TECNOLOGIA	IMPLANTAÇÃO COMERCIAL	PRODUTIVIDADE	CUSTOS

A forma de avaliar a posição concorrencial de maneira absoluta, adoptando como critério o perfil ideal decorrente de uma análise objectiva do contexto e da actividade, é o melhor meio para evitar a miopia estratégica.

A forma de atacar o inimigo concorrencial e determinar os factores chave do sucesso definindo assim o melhor caminho, saber

avaliar a correcta posição dos concorrentes actuais e potenciais e avaliar a nossa posição concorrencial de forma a atacar o mercado sem medo de nele se perder é que nos vai dizer se a ESTRATÉGIA adoptada foi ou não a melhor perante todos os factores adversos com os quais a empresa se debateu, tal como no Teatro de Operações existem bons e maus ESTRATEGAS que podem levar a bom termo determinada operação,

também a nível EMPRESARIAL a escolha dos bons e maus gestores podem levar ao sucesso no MERCADO ou ao completo aniquilamento por parte dos potenciais competidores.

1Sar Inf
Carlos Alves
1º BIMec

Operações de apoio à Paz

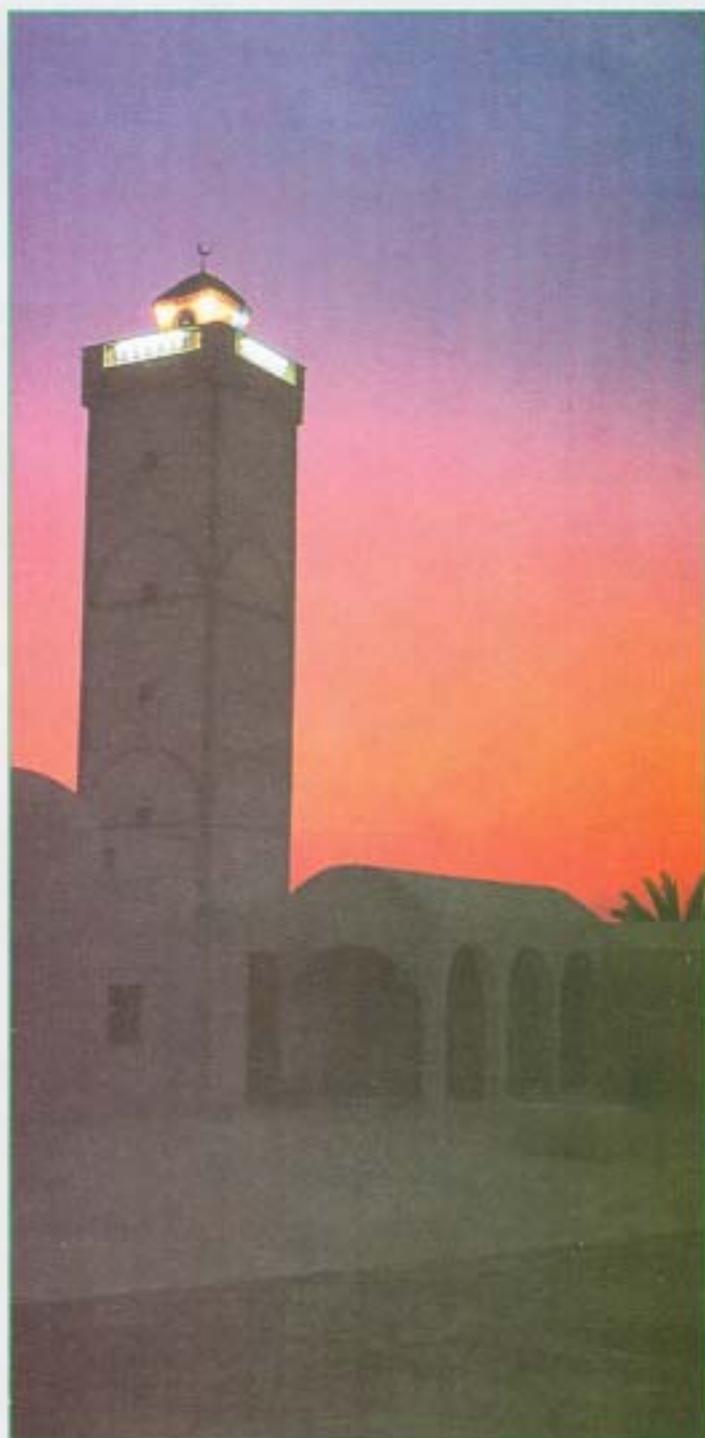
A Questão Cultural

Um dos obstáculos sentidos na execução de operações de apoio à paz é, sem dúvida, o problema da diferença civilizacional com tudo o que ela arrasta, nomeadamente a questão linguística, as diferentes formações religiosas e acima de tudo a questão cultural propriamente dita, entendendo-se por isto a súpula da história, da literatura e música da geografia, das relações com os países vizinhos, as vitórias e derrotas do passado, a organização económica e social do país e a sua organização política, enformando tudo uma forma de ser e de estar e uma postura global do país no concerto das nações. Decorrem disto algumas questões menores como a diversidade alimentar, formas diferentes de vestuário e formas diferentes de relação em sociedade.

Como se vê o problema é vasto e multifacetado, requerendo uma abordagem complexa que não se compadece com a forma muito técnica como são preparadas as forças militares para este tipo de operação. Naturalmente que, pela dimensão da questão é irrealismo pretender, na instrução militar, preparar culturalmente forças para serem inseridas numa sociedade que por vezes lhes é completamente estranha.

Mas o facto do problema ser complexo não pode significar que o devemos abandonar, pois tudo o que fôr obtido neste âmbito é precioso e pode ajudar de forma significativa o cumprimento da missão.

Comecemos por abordar o problema linguístico. Parece ser o mais simples mas no entanto, acaba por nos reservar algumas surpresas. Dum modo geral a preparação linguística recai na língua inglesa, pela necessidade de ligação no interior da força de paz. Isto é, a preparação linguística não é voltada para a inserção da força no país estrangeiro, com o conseqüente obstáculo à comunicação com os locais.



Sabendo-se que o esforço de articular algumas palavras na língua nativa só pode agradar aos indígenas e sabendo-se que as embaixadas dispõem normalmente de adidos culturais, não seria certamente complicado organizar uma sessão de divulgação com toda a força presente sendo acompanhada da publicação duma mini-gramática e dum mini-dicionário de conversação, com distribuição geral.

Aliás, esta foi a forma encontrada pela 1ªBMI na preparação dos seus destacamentos para os primeiros exercícios em Itália, onde se obtiveram excelentes resultados, tendo ficado famosa a apresentação a um oficial general italiano de um cabo português, feita num italiano correcto e que muito espantou o referido senhor.

Mas voltamos à questão cultural propriamente dita. Aqui tudo se complica um bocado mais, mas crê-se ser possível atenuar as dificuldades. Por um lado pode usar-se novamente a figura do adido cultural, que numa sessão dedicada a esta questão tentaria transmitir a cultura do país de origem, caracterizando o seu povo. Nas questões

de pormenor como a alimentação, vestuário, costumes, etc., poderá ser usado, com facilidade, um militar que já tenha cumprido uma missão no país de destino da força.

E pergunta-se: então temos o problema resolvido?

Crê-se que não, aliás pensa-se que o problema começa realmente aqui. Não basta ouvir discorrer sobre uma determinada cultura para se ficar dentro dela. É preciso interiorizar o óbtido e incorporá-lo na nossa atitude. Isto é muito difícil e a postura normal é desconfiar, rir, ridicularizar, muitas vezes por incompreensão, as culturas dos outros.

O autor destas linhas comandou um destacamento do 2ºBIMEc num exercício PFP/NATO na Eslováquia, em 1996, constituído por Oficiais, Sargentos e uma Praça.

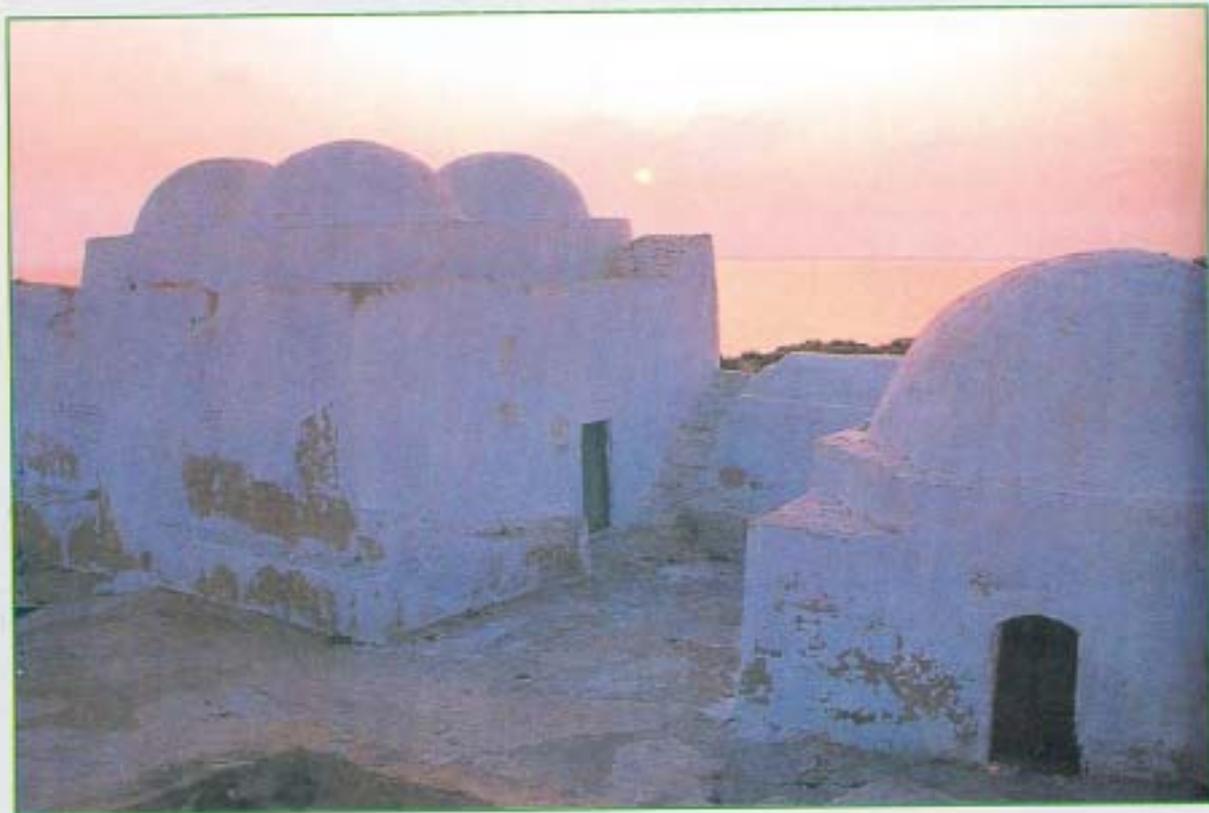
A despeito de frequentes avisos, sobre as diferenças que iriam ser notadas (igreja ortodoxa, diferenças sociais, políticas, militares, resultantes dum país que tinha acabado de sair do Pacto de Varsóvia) não foi possível evitar os risinhos e os murmúrios quando um oficial Eslovaco explicava como é que as

coisas se iam desenvolver ou o que era a próxima actividade, por exemplo. Notava-se, claramente, que essa postura feria o sentimento de orgulho nacional que todos os cidadãos dum país têm, e em especial os militares.

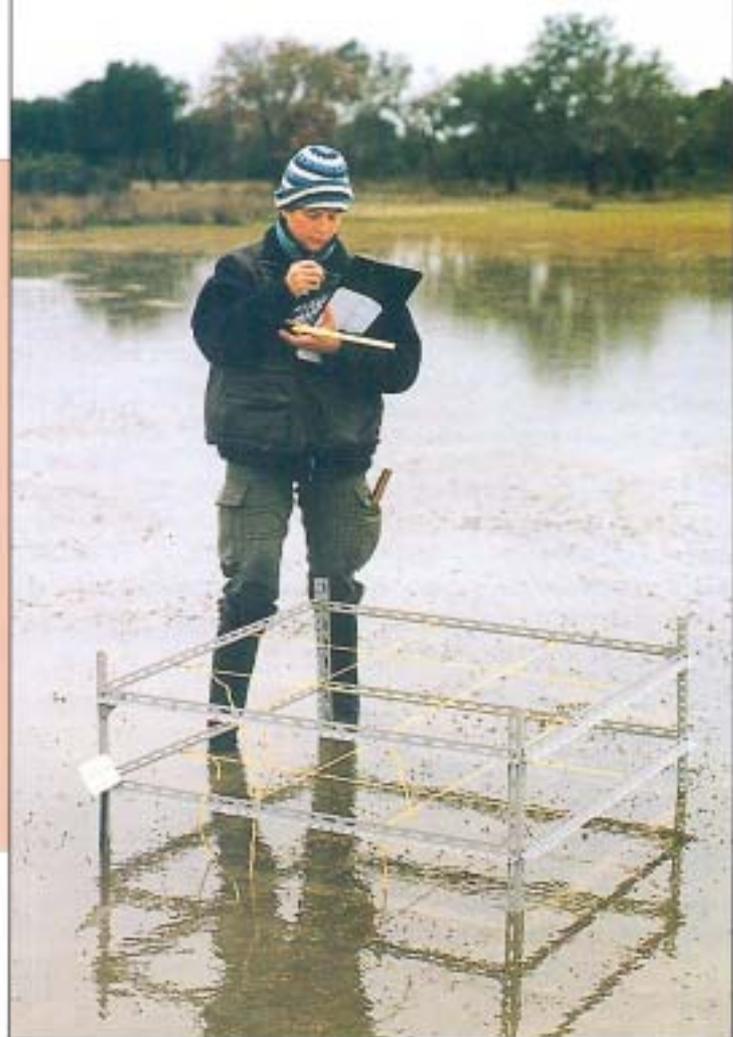
Entende-se que só é possível ultrapassar isto com muita leitura. Principalmente o Comando e Estado Maior da unidade e os comandantes das subunidades devem empenhar-se num programa de leitura que seja esclarecedor da realidade que vão encontrar. Também aqui se pode dar um exemplo:

Quantos militares portugueses em serviço na Bósnia-Herzegovina leram o escritor IVO ANDRIC (Prémio Nobel da Literatura em 1961) nomeadamente a sua obra "Uma ponte sobre o Drina"? Certamente poucos e no entanto a ponte referida é a da cidade de Visegrad (zona problemática do sector português) e a obra é extremamente esclarecedora das posturas culturais sérvio-bósnias.

*Armando A. G. Borges
Ten Cor Inf
Chefe do CITOAP*



uma Actividade Científica no CMSM



Em Junho de 1998 levou a efeito, o Comando do CMSM, uma actividade de sensibilização ambiental que foi designada Semana do Ambiente. Neste âmbito, além de muitas outras actividades, foi assinado um Protocolo de colaboração entre o Campo Militar de Santa Margarida e o Museu, Laboratório e Jardim Botânico da Universidade de Lisboa, versando um trabalho científico de estudo da flora existente nas lagoas temporárias do CMSM.

Desde essa data uma ou duas biólogas da referida instituição universitária vêm regularmente a este campo militar, procedendo a esse estudo.

Foi solicitado à bióloga Antónia Graell (Catalã, nascida em Barcelona) uma contribuição para a revista Atoleiros, que explicasse a razão desse trabalho.

A língua encontrada e utilizada foi o castelhano e porque um Traduttore é sempre um Traditore, vai utilizar-se a versão original.

Lagunas Temporarias en el Campo Militar de Santa Margarida

Si por un momento nos paramos a pensar en los ambientes acuáticos que nos son más familiares, lo más probable es que nos vengan a la memoria amplias playas, extensos estuarios o quizás plácidos cursos de ríos. No obstante, existen ciertos sistemas acuáticos que por su escasez y características particulares nos acostumbran a ser desconocidos.

Estamos refiriéndonos a las lagunas temporarias existentes en la región de clima mediterráneo. Estos ecosistemas constituyen una clase muy interesante de aguas dulces estancadas consideradas por la Unión Europea como habitats de interés comunitario a conservar.

En la Península Ibérica estos singulares sistemas dulceacuícolas están poco representados siendo escasa, en general, la información científica que se dispone al respecto. Potenciar la realización de trabajos científicos que aporten nuevos datos sobre estos ecosistemas es sin duda necesario.

Es precisamente en este sentido que en Portugal se está estudiando la dinámica de la vegetación del conjunto de lagunas temporarias situadas en terrenos propiedad del Ejército Portugués, concretamente en el Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), en base al Protocolo de Colaboración existente entre el CMSM y el Museu, Laboratório e Jardim Botânico da Universidade de Lisboa firmado el pasado 24 de junio de 1998.

Este sistema lagunar se compone de una decena de lagunas aisladas situadas en una meseta sedimentaria, de unos 190 m



de altitud, en la cuenca hidrográfica del río Tajo.

Las referidas lagunas presentan una forma irregular aunque su perfil tiende a ser elipsoidal con una longitud máxima que varía entre 150 m y 287 m y una profundidad media que no acostumbra a superar los 50 cm.

La mayoría de ellas se encuentran rodeadas por bosque de *Quercus suber* (sobreiro) y un sotobosque bien desarrollado dominado por *Ulex* sp. (tojo), *Lavandula stoechas* (rosmaninho) y distintas especies del género *Erica* (urzes).

Una de las características más notables y que sin duda determina la variación de la vegetación existente en las lagunas a lo largo del año es la temporalidad o el periodo de tiempo (meses) de permanencia de la lámina de agua.

La área donde está situado este sistema acuático está dominada por el clima mediterráneo caracterizado por un otoño y primavera muy lluviosos y una marcada sequía estival. Consecuentemente, ya que toda el agua de las lagunas proviene de la lluvia, el nivel del agua va disminuyendo progresivamente a medida que el verano va avanzando llegando a desaparecer por completo hasta llegar de nuevo las primeras lluvias otoñales.

Este ciclo anual tan marcado define la variación de vegetación existente dando como resultado una elevada riqueza florística. Las especies vegetales de estas lagunas van sucediéndose las unas a las otras a lo largo del año según el nivel del agua va variando. Así pues la flora que encontramos en plena primavera es notablemente

distinta de la que se puede observar durante los meses de verano.

El buen estado de conservación que actualmente presenta este sistema lagunar se debe en gran medida a su localización, propiedad del CMSM, ya que estos terrenos han quedado relativamente libres de las influencias perturbadoras humanas, sobretudo drenajes para cultivos o para plantaciones de eucaliptos.

Estas lagunas constituyen un excelente ejemplo de una clase muy frágil y particular de ecosistemas acuáticos poco frecuente en Portugal el cual deberíamos seguir preservando.

Antonia Rosselló Graell
Colaboradora do Museu,
Laboratório e Jardim Botânico
da Universidade de Lisboa



Cooperação Civil Militar (CIMIC)

Sinónimo de Segurança

O Planeamento de uma operação de imposição de paz ou de manutenção de paz, requer um estudo aprofundado das características do teatro de operações no que se refere à situação e às actividades civis.

Numa primeira fase e aos mais altos escalões é feita a integração da operação militar, da missão das Organizações não governamentais e Organizações Internacionais que procuram ajudar numa vasta gama de tarefas políticas, humanitárias económicas e sociais. A actuação destas organizações, fica desde então "subordinada" às operações militares pelo que são definidas plataformas de entendimento, por forma a conseguir por um lado a optimização da actuação/recursos disponíveis e por outro a segurança de todos os intervenientes.

No início da operação prevalecem os aspectos militares e até estarem criadas as condições que permitam o desenvolvimento e pleno, da componente de cooperação civil. Depois de aplicados os aspectos militares decorrentes da implementação dos acordos firmados, à que manter a actividade operacional dita de quadricula, através afirmação das tropas no terreno como garante de um clima de estabilidade que sirva de sustentação às fases seguintes da implementação do processo de paz definido para a área. Concorrentemente é feito o acompanhamento e a participação das unidades

militares, na reconstrução das estruturas básicas e no restabelecimento das autoridades civis e militares.

A interacção entre as forças militares, as autoridades civis e as populações é executada em simultâneo a todos os níveis, assumindo especial relevância aos mais baixos escalões.

A principal tarefa da cooperação civil militar, consiste em estabelecer e manter relações entre os comandantes militares e as organizações civis e a população. Todo o militar é agente da cooperação civil militar, o simples contacto com o empregado de um café frequentado habitualmente, permite na maior parte dos casos estabelecer uma relação da qual é possível recolher notícias e simultaneamente medir a pulsação de uma "parte" ou área geográfica.

Ao comando de uma unidade compete o planeamento e a execução da actividade CIMIC dentro da sua área de responsabilidade.

Para o efeito e aos mais baixos escalões surgem as células G5/S5, encarregues de fazer toda a coordenação de actividade de AssCiv em apoio do comando da unidade para o cumprimento da missão. Aos elementos que integram estas células cabe a tarefa de estabelecer a ligação entre a força militar em que estão inseridos, aos mais variados escalões e a comunidade civil. Os principais

documentos de trabalho utilizados por esta célula, são constituídos pelos da área das informações, operações e os legitimam e regem a actuação dos restantes elementos civis que operam no teatro. Ao nível da execução, são estabelecidas relações funcionais com os órgãos de soberania locais e demais organismos da área, ou nela representados. O comando militar da área deve fazer a divulgação das acções de cooperação realizadas, em especial junto das OI's e das ONG's, caracterizando as possibilidades e limitações da unidade, com vista à consecução de projectos futuros e procurar manter um equilíbrio na distribuição dos apoios entre as partes como elemento revelador de imparcialidade.

"Da componente civil das operações e interface civil militar, resultou a criação de uma almofada de segurança assente no bom relacionamento com as autoridades civis e uma aceleração espontânea por parte das populações locais"

Relatório final de assuntos civis do
Comando do 2º BIMec/SFOR

O reconhecimento e a credibilidade obtidas por uma força, junto das autoridades e em especial das populações da área em que está inserida, é em grande parte o resultado das acções CIMIC executadas. Por outro lado provocam no militar desse contingente, o sentido de cumprimento da missão e um estímulo pela satisfação pessoal de ajuda ou apoio prestados e contributo na implementação do processo de paz.

Como produto final da interacção descrita e dos aspectos pessoais que provoca, obtém-se um valor acrescido, reforço efectivo da segurança da força militar.



Maj Inf Marques Cardoso





Campo de Instrução

" Os chefes de larga experiência da última guerra sempre afirmam ser necessário um período de adestramento, de um ano aproximadamente, para uma Grande Unidade poder afrontar a dureza da guerra actual, dominar a complexidade dos armamentos modernos e a difícil técnica da cooperação entre as diferentes Armas no combate.

Lançar tropas na luta com deficiências de armamento constituirá responsabilidade grave, mas poderá alcançar o perdão da necessidade extrema para quem não produza e o não consiga obter, mas faze-las combater com faltas de preparação que esteja na nossa mão corrigir, não se sabe se encontrará desculpas.

Ainda que uma parte daquele período de actividade de adestramento se possa passar nas paradas dos quartéis e nos terrenos das vizinhanças, nos primórdios da instrução e na manobra das pequenas unidades, larga permanência será de exigir no campo de instrução.

Só ali se tomará possível amalgamar, táctica e tecnicamente, a heterogeneidade de tantos elementos diversos de uma Grande Unidade.

Só através desta integração interna nascerá alguma individualidade e se consolidará o espírito combativo, condições essenciais para uma Grande Unidade entrar com confiança no campo de batalha.

É esta finalidade que se vai procurar no Campo de Instrução."

O Campo de Instrução Divisionário de Santa Margarida

Foram definidas condições para a localização do campo militar:

- proximidade de vias de comunicação (rodoviárias e ferroviárias), e de água em abundância para as necessidades do pessoal e material;
- terreno pobre, para não carregar o preço total com grande custo de aquisição; e também pouco acidentado para reduzir quanto possível os movimentos de terras, sempre dispendiosos;
- região afastada de povoações e em cujas proximidades se possam realizar à vontade exercícios de todas as Armas, e de uma GU, sendo de preferir a variedade desde o terreno pouco acidentado ao terreno cortado de ravinas e vales mais ou menos profundos, e de cursos de água;
- se possível na proximidade de zona já servida pela rede eléctrica nacional;
- ficar próximo de campo de aviação.

O conjunto destas circunstâncias verificou-se na região de Santa Margarida da Coutada: tratava-se de uma extensa zona sem qualquer povoação ou simples Casal, onde foi possível expropriar 200 hectares, grande parte apenas de charneca, uma outra de pinhal, e uma pequena área de montado e olival. Na proximidade aparece a linha de caminho de ferro de leste, e a Estrada Nacional nº 118 (EN118), e no Tramagal passavam as linhas de alta tensão da Empresa Nacional Hidroeléctrica do Alto Alentejo, que forneceria a energia ao Campo. E assim instalou-se o

Introdução

À guisa de introdução se transcreve parte da directiva, de 17 de Fevereiro de 1951, do Ministro do Exército, General Abranches Pinto. Assim estava tomada a decisão para a instalação do primeiro Campo de Instrução Militar. A primeira ideia recaiu na escolha do "Campo de Instrução Militar de Tancos". A existência da Escola Prática de Engenharia na área permitia o apoio essencial para a execução das obras, e afinal de contas tinha sido o local onde tinha recebido preparação o Corpo Expedicionário Português, antes de avançar para a Flandres,

para uma valorosa participação na Primeira Grande Guerra.

Mas feitas as visitas e reconhecimentos precisos no terreno, verificou-se que a solução não era viável, ainda mesmo que se concentrassem ao máximo as construções a realizar, porque o polígono era já acanhado para as necessidades de instrução na Escola.

Houve pois que procurar solução fora daquele polígono, sem que a zona escolhida se afastasse muito do centro do país e porquanto a região em volta de Tancos foi considerada a aceitar, pelo concurso que às obras poderia prestar a Escola.





RECORDA

A 1ª Brigada Mista Independente, antecessora da Brigada Mecanizada Independente, contava na sua organização com dois Batalhões de Infantaria Motorizada, sediados no Regimento de Infantaria de Tomar - o 1º BIMoto e no Regimento de Infantaria de Abrantes - o 2º BIMoto, integrando aquelas Unidades Territoriais que tinham a responsabilidade de efectuar o seu aprontamento.

A reorganização do Exército iniciada em 1993, ditou a completa mecanização da Brigada, transformando o 2º BIMoto em mecanizado (2º BIMec) e transferindo-o para o Campo Militar e, simultaneamente, eliminando uma unidade de manobra, o 1º BIMoto. É este extinto Batalhão que agora se pretende recordar.

No decurso do cumprimento das primeiras directivas para a criação da 1ª BMI, ainda no ano de 1976, foi decidido proceder ao levantamento do Batalhão no então Regimento de Infantaria de Tomar, unidade da Região Militar do Centro, também ela, entretanto, extinta. Acrescente-se que outras unidades da Brigada foram levantadas em unidades territoriais, como foi o caso, para além do 2º BIMoto, do Grupo de Artilharia de





Campanha no RA4 e da Companhia de Engenharia na EPE.

Assim, com a incorporação dos Recrutados do 2º Turno de 1977, em Abril daquele ano, foi iniciada a preparação da sua primeira sub-unidade: a 1ª Companhia de Atiradores. A partir daí, continuou-se o processo de criação das outras subunidades e de recepção de materiais e equipamentos, de tal forma que no final da década de 70, já o 1º BIMoto se encontrava completo em pessoal e razoavelmente dotado de armamento e equipamento.

O BIMoto era constituído por Comando e Companhia de Comando e Serviços, três Companhias de Atiradores e Companhia de Apoio de Combate. Do seu efectivo orgânico constavam 39 Oficiais, 142 Sargentos e 704 Praças, totalizando 885 homens.

O 1º BIMoto, tal como as restantes Unidades da Brigada, ao longo da sua existência, participou em diversos exercícios Nacionais e Internacionais, e em missões de interesse público. Curiosamente uma das suas últimas missões foi de apoio ao Serviço de Protecção Civil, mais concretamente a participação na limpeza do crude derramado nas praias da costa entre a Figueira da Foz e Mira, durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 1993.

Em 26 de Março de 1993, realizou-se no RI 15 uma cerimónia para marcar a extinção do 1º BIMoto, presidida pelo Comandante da Região Militar do Centro, a que pertencia aquele Regimento. Com o 1º BIMoto em formatura geral sob o comando do seu último Comandante, o TenCor Carlos Clemente, foram escutadas pala-

vas elogiosas e de reconhecimento pelo meritório desempenho de todos quantos serviram nesta Unidade da Brigada, por parte do saudoso e então Comandante da Brigada, o Brigadeiro Gaspar da Rosa. Seguiu-se a entrega do Estandarte do Batalhão ao Brigadeiro Comandante da Brigada que, por sua vez, o entregou ao Comandante do RI 15. O Estandarte recolheu ao Museu do Regimento onde ocupa lugar de destaque.

GALERIA DE COMANDANTES

- 01Jun77 a 18Set78 - Ten Cor Inf Hélder Chaves Gomes
- 19Set78 a 09Fev81 - Ten Cor Inf Francisco José Ferreira Dias
- 10Fev81 a 10Dec82 - Ten Cor Inf José Alberto Velasco Martins
- 11Dec82 a 31Dec84 - Ten Cor Inf José Ferros de Azevedo
- 01Jan85 a 14Out85 - Maj Inf Francisco Esmeraldo da Gama Prata (interino)
- 15Out85 a 27Out87 - Ten Cor Inf Abílio José Lagartinho Rodrigues
- 28Out87 a 14Mar90 - Ten Cor Inf Augusto José Monteiro Valente
- 15Mar90 a 20Out91 - Ten Cor Inf Luís Manuel Oliveira Pimentel
- 23Jan92 a 26Mar93 - Ten Cor Inf Carlos Trindade Clemente



a Recruta no GAC



Com o tempo frio e a inspecção feita, vários mancebos temiam a incorporação involuntária no serviço militar obrigatório, o que, obviamente não seria uma prioridade para qualquer um deles.

Embora a vontade não fosse grande, cerca de 120 "homens" foram chegando ao perímetro do CMSM, apresentando suas guias de marcha na até então desconhecida casa da guarda do Quartel de Artilharia. Conduzidos gradualmente pelas várias etapas que iriam definir a sua estada, esses, agora recrutas, entravam, uns mais, outros menos, num estado de pânico e sobretudo de quase total desconhecimento das regras latentes que cedo iriam descobrir. Após uma série de documentação que era necessário preencher, de alguns testes médicos e o inevitável corte de cabelo, estavam prontos a receber o fardamento para que começassem a sua senda militar, o que não iria ser uma tarefa fácil.

A chegada ao refeitório foi logo um presságio de disciplina, o que, já ia criando uma certa inquietude por parte daqueles mais rebeldes, que mais tarde se tinham, digamos que conformar com as regras vigentes duma instituição militar.

Seguidamente ao jantar, na caserna, os murmúrios de lamento não tardaram a chegar, o que provocou a primeira parte da união, que se iria tornar palavra de ordem por parte dos recém-chegados a esta nova era plena de descobertas.

Criados os 3 pelotões de instrução que se integraram na 3ª Bateria de Bocas de Fogo, as actividades deram o seu primeiro passo, que iriam consistir no gradual aproveitamento das capacidades físicas dos instruendos, que um pouco queixosos, lá iam dando o seu máximo chegando por vezes a atingir níveis de dificuldade que nenhum deles alguma vez sonhou sequer em tentar.

À parte da instrução iam-se criando laços de camaradagem e de amizade, que uniam diferentes culturas deste país, nunca existindo grupos que se quisessem distinguir dos restantes daquela pequena comunidade, que se formou de forma alheia à instrução. Começava-se então a viver o espírito da "tropa".

Os dias iam-se seguindo após várias idas ao campo e sobretudo de instrução nocturnas que, com o frio sempre presente se iam passando com dificuldade e também com angústia, mas as semanas iam passando cada vez mais rápido e com a ajuda dos camaradas tudo ia passando minimamente bem.

De dia e, sobretudo após a hora das refeições, era frequente ver alguns camaradas falando, com os agora tão usuais telefones celulares, para casa, para as namoradas ou até mesmo esposas com saudosismo e tristeza patentes nas lágrimas de alguns mais emocionados. Os dias



eram longos, e iam-se passando de cara pintada, de olhos cansados, de farda repleta de lama e de pó, de M64 colocado estrategicamente sobre os lombares dos recrutas e com a inseparável espingarda G3 nas quotidianas saídas ao campo.

Chega então a semana de campo em que os instruendos iriam demonstrar toda a força animica que até então os instrutores lhes administraram de forma bastante eficiente. Após uma caminhada de cerca de 20Km que todos eles percorreram com grande dificuldade, visível nas suas faces de sofrimento causado pelo peso de todo o equipamento que transportavam, os recrutas chegavam então ao acampamento com autênticas lacerações nos seus pés cansados e em terrível estado devido ao percurso longo e cansativo. Logo a seguir à montagem do bivaque os recrutas tiveram a sua instrução nocturna (1ª de duas) que cansados a fizeram sem alternativa e que se tiveram de abstrair do frio constante. Após nova instrução nocturna precedida pela manhã por uma Mar. Cor., os recrutas, já no último dia da semana de campo, foram então fazer tiro real com a espingarda automática G3, a, que seguiu uma prova de



MANUEL DOS SANTOS GRAVE, LDA.

Materiais de Construção

Telef./Fax 249 822205
T.Móvel 96 8028705

Rua Serpa Pinto, 5, 7 e 11
2350 TORRES NOVAS

orientação que iria, simultaneamente, dar término à semana de campo e chegada ao Quartel de Artilharia que, embora exaustos, os recrutas chegaram de maneira triunfante, e que, em alguns casos, se manifestava em satisfação e principalmente, de realização, pois haviam terminado a etapa mais difícil da recruta.

A semana seguinte foi uma semana de preparação para o juramento de bandeira, algo que todos desejaram desde que entraram naquela instituição e que correu de forma deslumbrante tanto por ter reunido todos os presentes numa cerimónia bonita e honrosa em que os soldados juraram com sentimento o amor à Pátria diante de familiares e amigos.

A recruta não é algo que se esqueça, nem tão pouco algo que cause arrependimento, é algo que se aprecia após a sua duração, pois nunca se esquece aquele camarada que carregou a nossa arma numa Mar. Cor., ou aquele que dividiu o último pão numa semana de campo, aquele que ajudou alguém que involuntariamente se aleijou, ou aquele que tão simplesmente ouviu um desabafo particular. É sem dúvida alguma um marco na estada algo longa no serviço militar e que ninguém esquece nem esquecerá.

Sold SEN Oliveira



SITREP

Dia da BMI e CMSM

Em 8 de Abril, com a Cerimónia Militar, culminou a comemoração do 21º Aniversário da BMI e do Dia Festivo do CMSM. Esta cerimónia teve lugar no Largo de S. Jorge e foi presidida por Sua Excelência o Chefe do Estado-Maior do Exército, General António Eduardo Queiroz Martins Barrento.

Na sua alocução, após agradecer a presença dos convidados, o Brigadeiro Comandante proferiu as seguintes palavras:

Neste dia Festivo mas também de reflexão, o nosso primeiro pensamento vai para os Soldados de Portugal que no longínquo seis de Abril de 1384, em Atoleiros, sob o comando de Nuno Álvares, combateram para defender a liberdade e a independência da Pátria. Recordamos, também, todos os homens que desde o início da década de cinquenta serviram o Exército neste Campo Militar:



- Os que integraram a 3ª Divisão e que com o seu profissionalismo e competência, contribuíram, na época, para a actualização modernização do nosso Exército;

- Os que fazendo parte de Unidades que aqui foram aprontadas, cumpriram em África, entre 1961 e 1974, com dignidade e sacrifício, as missões que a Nação lhes determinou;

- Os que serviram na Brigada - Mista ou Mecanizada - e que com entusiasmo, criatividade e muita devoção, construíram esta Grande Unidade.

Entre eles há seis séculos de distância, mas uma constante permanece - o seu amor ao Exército e à Pátria.

Recordêmo-los com respeito e admiração.

No seu exemplo, na sua coragem e abnegação, reforçamos a nossa determinação em prosseguir no cumprimento da missão, ultrapassando obstáculos e dificuldades, com a certeza de que não serão superiores às por eles vencidas em épocas de maior exigência e em situações bem mais difíceis.

Deste Largo de S. Jorge, saudamos, também, os militares do nosso Batalhão que na Bósnia-Herzegovina cumprem uma missão de paz e de ajuda humanitária e que

com o seu comportamento ético-profissional, prestigiam o Exército e honram o nosso País.

Dirigindo-se a S Exa o Gen CEME, disse:

Vivemos um tempo que exige de todos nós um esforço permanente na gestão dos recursos que nos são atribuídos, quer pela sua escassez, quer pela consequente necessidade da sua racionalização em ordem ao cumprimento das nossas tarefas e, fundamentalmente ao aprontamento dos nossos encargos operacionais.

Empenhamo-nos na procura de soluções que possibilitem a redução de encargos de pessoal em actividades administrativas e de segurança -

- concentrando serviços e utilizando novas tecnologias - por forma a podermos desenvolver a instrução e o treino operacional.

Mas, dadas as características do espaço que habitamos - o seu isolamento e a necessidade duma completa vivência da condição militar - temos consciência das dificuldades que enfrentamos na obtenção de praças voluntárias e contratadas.

Estas dificuldades só poderão ser ultrapassadas com a adopção de incentivos que tenham em



consideração a especificidade deste Campo Militar.

Debatêmo-nos com os problemas logísticos que são comuns ao Exército e, também, com os que resultam das características dos materiais que equipam a Brigada Mecanizada e com o estado de algumas das infraestruturas do Campo Militar.

De entre as questões de natureza logística que mais nos preocupam, salientamos:

- A necessidade de substituição ou recuperação e transformação das viaturas da família M113 que se encontram no final do seu ciclo de vida e não dispõem dos sobressalentes indispensáveis à sua manutenção;

- A insuficiência de recursos humanos na área da manutenção que, a curto prazo, pode afectar a operacionalidade dos materiais orgânicos principais da Brigada;

- A morosidade no desenvolvimento de programas de modernização dos equipamentos, particularmente no que concerne ao sistema integrado de tiro e de estabilização do carro de combate M60A3;

- A necessidade de fazer regressar à Brigada os materiais cedidos a Forças destacadas no exterior após a conclusão das suas missões;

- A necessidade de prosseguir com maior celeridade a recuperação dos edifícios mais degradados, por forma a preservar o património, garantir o futuro e proporcionar melhores condições de vida a todos os que servem e venham a servir no Campo e na Brigada.



Continuando a dirigir-se a S Exa o Gen CEME, afirmou que embora as suas preocupações fossem já do conhecimento do Comando do Exército,



sentia, em consciência, o dever de agora as relembrar. Referiu, ainda, serem sentidas a necessidade de implementação de medidas tendentes ao aumento de Praças RV e RC e a necessidade de modernizar os materiais mais antigos e reforçar a respectiva manutenção, para que, através do incremento da operacionalidade dos sistemas de armas, a Brigada possa manter um eficiente treino operacional, manter-se como escola de conhecimentos, apoiar outras Unidades do Exército e dos outros Ramos e aprontar-se para as missões que lhe forem determinadas.

Ainda referindo-se a S Exa o Gen CEME:

Por maiores que sejam os problemas que se nos coloquem, Vossa Excelência pode contar sempre com o entusiasmo, competência e devoção dos Comandantes das Unidades do Campo e da Brigada e de todos os Militares que aqui servem e do seu total empenhamento no cumprimento das suas missões e na procura de soluções que visem o incremento da prontidão operacional da Brigada Mecanizada Independente.

Dirigindo-se aos Militares e Civis do Campo e da Brigada, disse:

Testemunho-vos o meu reconhecimento pela forma extremamente digna, disciplinada, competente e leal como servis.

Exorto-vos a prosseguir com entusiasmo, iniciativa e determinação no cumprimento das vossas tarefas.

Para terminar, dirigiu-se aos antigos Comandantes, dizendo.

Em Vossas Excelências reitero as minhas saudações a quantos serviram neste Campo Militar e na Brigada. Tudo faremos para sermos dignos do vosso legado:

- Continuando a vossa obra e lutando pela sua preservação e aperfeiçoamento;

- Formando e comandando os nossos soldados na estrita obediência às virtudes cívicas e militares, na devoção ao Exército e no culto do amor à Pátria.

Por sua vez Sua Excelência o General Chefe do Estado-Maior do Exército proferiu a seguinte alocução:

No dia do CMSM e da BMI, é com particular satisfação que presido à cerimónia militar que hoje assinala o esforço e a dedicação dos militares que aqui servem ou serviram no passado.

Quero saudar particularmente



os militares do 1º BIMec em missão na Bósnia-Herzegovina, vivendo num ambiente de tensão face ao teatro de guerra que os envolve e, em nome do Exército, transmitir-lhes as nossas solidariedade e camaradagem, na certeza de que o seu sentido de missão e espírito de sacrifício contribuirão para o sucesso e para a segurança no cumprimento da sua nobre missão.

A situação actual deste Batalhão demonstra que qualquer operação militar, mesmo que seja de apoio à paz, nunca é isenta de riscos e de escaladas da violência, pelo que, as forças a empenhar terão que estar devidamente equipadas e preparadas para enfrentarem situações de combate.

O empenhamento militar na Bósnia, no qual a BMI já envolveu três Batalhões, permite com rigor afirmar, que a doutrina convencional e as viaturas blindadas ganham uma redobrada importância, face ao incremento e à diversificação de novas missões no âmbito da NATO e das Nações Unidas.

Os meios existentes na BMI, a qualidade dos recursos humanos

que nela servem e as infra-estruturas do Campo Militar, constituem um precioso potencial militar do Exército, indispensável ao Sistema de Forças Nacional.

O capital de conhecimentos existente na Brigada, no âmbito da doutrina convencional, tem permitido consolidar um modelo de instrução e de treino operacional, que nos permite avançar para novas formas de organização da força, com economia de meios, mas garantindo a sua capacidade de subsistência em situações de combate e a sua fácil adequação a outras missões.

Mas é necessário, desde já, promover a modernização dos blindados de Infantaria, por forma a que no quadro de projecção do Exército a BMI disponha de uma capacidade de resposta imediata a situações de contingência, e à obtenção de efectivos voluntários, em número suficiente.

A história e a conflitualidade actual demonstram que as forças terrestres representam a componente decisiva do potencial militar, seja para defender o terreno ou

para o conquistar e ocupar, continuando o homem e a sua vontade anímica a constituir o elemento chave da instituição.

A excelência das respostas que a Brigada deu nos últimos anos, no cumprimento de missões na Bósnia e na satisfação de compromissos internacionais, não obstante os condicionamentos conhecidos, são o resultado da qualidade dos quadros que aqui servem e da escola de conhecimentos existente sendo por isso garantia segura de se ultrapassarem dificuldades e se vencerem os desafios actuais e futuros.

Como Comandante do Exército quero expressar a minha confiança no presente e no futuro da BMI, como Grande Unidade do Sistema de Forças Nacional, pelo que a todos exorto para continuarem, com dedicação e empenho, a trilharem um caminho de rigor, cultivando em permanência a coesão, o espírito de corpo e a disciplina, projectando o seu lema: "feitos farão tão dignos de memória".



Dia Festivo do RC 4

O Regimento de Cavalaria nº 4 celebrou em 17 de Março o seu Dia Festivo.



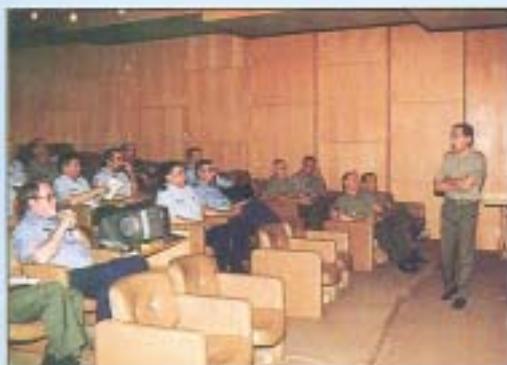
O programa foi iniciado com uma evocação dos Mortos em Campanha, seguindo-se a Cerimónia Militar. Durante a visita à Unidade, foi dado a observar aos convidados diversas actividades de instrução e uma mostra de trabalhos de artesanato dos Soldados Recrutados.



Aniversário da 1ª OS do BAS

Em Cerimónia Militar presidida pelo Brigadeiro Comandante, o Batalhão de Apoio de Serviços da BMI comemorou, em 4 de Março, a publicação da sua 1ª Ordem de Serviço.

Visitas Curso Superior de Comando e Direcção



Em 29 de Junho, os Oficiais Superiores Alunos da parte comum do Curso Superior de Comando e Direcção, visitaram o Campo Militar de Santa Margarida. Aos Oficiais visitantes foi apresentado o CMSM e a BMI, através de um briefing, a que se seguiu a visita a uma mostra de Material Principal e a apresentação de uma Demonstração Táctica.

XXI Curso de Estados-Maiores Conjuntos de Espanha

Em 08 de Junho, 26 Oficiais Superiores Alunos espanhóis do XXI EMACON, visitaram o Campo Militar de Santa Margarida. Acompanhou a visita o Comandante Operacional das Forças Terrestres, Gen Pedro Cruz.



Aos Oficiais espanhóis foi apresentado o CMSM e a BMI, através de um briefing, a que se seguiu a visita a uma mostra de Material Principal e ao Posto de Comando Tático da Brigada.

Audidores do Curso de Defesa Nacional

Em 23 de Abril, 51 Audidores do Curso de Defesa Nacional, acompanhados de 3 Audidores de Angola e de Moçambique, efectuaram uma visita de estudo ao Campo Militar de Santa Margarida.

A missão que era chefiada pelo Brigadeiro Subdirector do Instituto de Defesa Nacional, à chegada, apresentou cumprimentos ao Brigadeiro Comandante. Após um briefing de apresentação do CMSM e da BMI, os visitantes tiveram oportunidade de observar o material principal que equipa a Brigada e de visitar as infraestruturas do Campo Militar.



Tomada de Posse de Comando

Comandante do Grupo de Artilharia de Campanha



O Tenente Coronel de Artilharia, José Hermínio Estevão Alves é o novo Comandante do Grupo de Artilharia de Campanha, desde 11 de Maio, substituindo o Coronel de Artilharia, Mário Augusto Mourato Cabrita.



Curso de Estado-Maior

O Curso de Estado-Maior do Instituto de Altos Estudos Militares, efectuou uma visita de estudo ao CMSM e à BMI, em 16 de Março. A missão, constituída por 30 alunos, após um briefing de apresentação da Brigada e do Campo no Auditório do QG, efectuou uma visita a actividades de instrução do 2º BIMec que decorreu na região de D. Pedro.



Cursos de Promoção a Capitão das Armas e Serviços

Em 01 de Junho, efectuaram uma visita de estudo ao CMSM e à BMI, 172 Oficiais Alunos dos CPC das Armas e Serviços. Depois de uma visita às Unidades do Campo e da Brigada, foi apresentada aos visitantes uma mostra estática com material de um Subagrupamento e de um Posto de Comando e dos Trens de um Batalhão.



OPEVAL ao CMD/BMI - Visita GEN IGE

Por ocasião da Opeval ao Comando da BMI, o General Frutuoso Pires Mateus, Inspector Geral do Exército, efectuou uma visita ao Comando da Brigada e do Campo. No final o Gen IGE expressou o seguinte, no Livro de Honra:

Aos vinte e oito dias do mês de Abril de mil novecentos e noventa e nove, agora no desempenho das funções de Inspector-Geral do Exército, eu vim de visita ao Campo Militar de Santa Margarida e no âmbito de uma avaliação operacional ao Comando e CCS da Brigada Independente. E o que vi eu? Para além de um grupo de Camaradas e Amigos, eu pude ver a

classe operacional e sentir a Camaradagem e a Amizade que aqui se vive. É assim, que o Exército de Portugal pode e deve mostrar-se. E a isto, eu acrescento a simplicidade e o querer ser e também o saber estar de todos os que aqui trabalham para servir Portugal, através da Instituição das Instituições que é o Exército.

Um Bem-Haja ao Brigadeiro Comandante com o pedido do mesmo ser transmitido a todos os Soldados da BMI. Com uma Esperança que eu procuro cultivar, saio (uma vez mais a pensar no regresso) do CMSM com Fé no Futuro da BMI e do Exército de Portugal.

Tomada de Posse de Comando

Comandante do Esquadrão de Reconhecimento



O Capitão de Cavalaria, José Miguel Moreira Freire, em 03 de Maio, tomou posse do comando do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada, em substituição do Capitão de Cavalaria, Jorge Manuel Guerreiro Gonçalves Pedro, que foi colocado no Grupo de Carros de Combate.



Visita CEME da Hungria



O General Chefe do Estado-Maior do Exército Húngaro visitou, em 04 de Maio, o CMSM. O GAC executou a Guarda de Honra à Entidade, que foi recebida pelo Brigadeiro Comandante à entrada do Campo. Após um briefing no Quartel General, sobre o Campo

Militar e a Brigada, foi efectuada uma visita às infraestruturas e a actividades de instrução do RC4, na região de D. Pedro.

A visita terminou depois do almoço com a assinatura do Livro de Honra.

Delegação do Exército Romeno

Em 22 de Junho, uma Delegação do Exército da Roménia, visitou o Campo Militar e a Brigada. Composta por Oficiais Superiores e um Engenheiro, todos da área de telecomunicações. Após um briefing sobre o Campo e a Brigada a Delegação visitou a Companhia de Transmissões.



Delegação da Defesa Polaca da Área do Ambiente

Uma Delegação do Ministério da Defesa Polaca visitou o Campo Militar, em 13 de Maio, com o objectivo de observar as actividades desenvolvidas no âmbito da protecção e fixação de espécies, do plano de arborização florestal e do tratamento de águas residuais.

Visita de Múncipes de Constância e de Fondetes

Englobada no programa de actividades relativas à Geminação da Vila de Constância e da Vila francesa de Fondetes, cerca de uma centena de muncipes destas 2 vilas, visitaram em 7 de Março, o Campo Militar de Santa Margarida.

Escola Secundária de Abrantes

Cerca de 120 alunos da Escola do 1º Ciclo, nº 5 de Abrantes, visitaram em 18 de Março o Campo Militar. A visita incidiu numa unidade, o 1º BIMec, e nas instalações do Gabinete Agro-Florestal, na Ervideira.

Escola Secundária da Trafaria

Em 12 de Maio cerca de 70 alunos da Escola do 2º e CE Ciclos da Trafaria, efectuaram uma visita de estudo ao Campo Militar de Santa Margarida, a qual incidiu sobre o RC4 e o 1º BIMec.

Novo Chefe da 3ª SEC/QG



O Major de Cavalaria, Francisco Xavier Ferreira de Sousa é desde 23 de Março o novo Chefe da 3ª Secção do Quartel General da BMI e do CMSM.

Novo Chefe da Secção de Justiça



O Major do Serviço Geral do Exército, Francisco Luís Pereira da Rocha, é desde 31 de Maio, o Chefe da Secção de Justiça do Campo Militar de Santa Margarida.





Juramento de Bandeira do CFP 2ºT/99 - - Grupo B

Em 07 de Maio, os Soldados Recrutados do 1º Turno/99-Grupo B, do Curso de Formação de Praças, efectuaram o seu Juramento de Bandeira em Cerimónia realizada no Largo de S. Jorge, presidida pelo Brigadeiro Comandante do Campo Militar e da Brigada Mecanizada Independente.

Escola Secundária Domingos Arroio

Cerca de 120 alunos da Escola Domingos Arroio de Lisboa, visitaram em 23 de Junho o Campo Militar. A visita incidiu no Regimento de Cavalaria nº 4 e nas instalações do Gabinete Agro-Florestal, na Ervideira.

Centro de Educação Especial "O Ninho"



Em 26 de Maio, o Centro de Educação Especial para reabilitação e integração de deficientes, de Rio Maior, realizou uma visita de estudo ao Campo Militar, a qual decorreu no Batalhão de Apoio de Serviços e no 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado.

Passagem à Situação de Reserva



Realizou-se na Biblioteca do QG, em 26 de Março, a Cerimónia relativa à passagem à Situação de Reserva do TenCor QEO, José Carlos Duarte Ferreira.



No mesmo local, em 26 de Abril, teve lugar a Cerimónia respeitante à passagem à Situação de Reserva do Sargento Mor, Jerónimo Francisco da Conceição Candeias.

Educação Física e Desportos

Tiro Desportivo

Decorreu nas infraestruturas de tiro do CMSM/BMI, no período de 22 a 26Fev99, o Campeonato de Tiro Desportivo Fase 2.

A organização do Campeonato foi encargo do Batalhão de Comando e Serviços, que fez com que o Campeonato decorresse de forma exemplar, fortalecendo o espírito de corpo e de camaradagem entre todas as Unidades do CMSM/BMI.

Participaram no Campeonato 90 Atiradores, em representação de 11 Unidades do CMSM/BMI.

Destacam-se as seguintes classificações, gerais e individuais, por cada modalidade:

Pistola de Grosso Calibre (Masculinos)

INDIVIDUAL

- 1º- SCh Santos - RC4
- 2º- 1ºSarg Mendes - CCS
- 3º- 1ºSarg Roxo - CTm

COLECTIVA

- 1º- RC4
- 2º- 2ºBIMec
- 3º- CCS

Pistola de Pequeno Calibre (Femininos)

INDIVIDUAL

- 1º- 1Cb Geraldes - BApSvc
- 2º- 1ºSarg Vidinha - BApSvc
- 3º- Alf Maia - GAC

COLECTIVA

- 1º- BApSvc
- 2º- 2ºBIMec
- 3º- GAC

Espingarda Standart de Pequeno Calibre (Masculinos)

INDIVIDUAL

- 1º- 1ºSarg Pratas - RC4
- 2º- Cap Costa - 2ºBIMec
- 3º- 1ºSarg Pinto - RC4

COLECTIVA

- 1º- RC4
- 2º- 2ºBIMec
- 3º- 1ºBIMec

Espingarda de Pequeno Calibre (Femininos)

INDIVIDUAL

- 1º- 1ºCb Santos - 2ºBIMec
- 2º- 1ºCb Correia - 2ºBIMec
- 3º- 2ºCb Martins - 1ºBIMec

COLECTIVA

- 1º- 2ºBIMec
- 2º- BCS
- 3º- 1ºBIMec

Estafeta D. Nuno Álvares Pereira

A Estafeta D. Nuno Álvares Pereira realizou-se no dia 31 de Março de 1999, enquadrando-se nas comemorações dos vinte e um anos da Brigada Mecanizada Independente.

Este evento desportivo realiza-se anualmente e teve a sua origem em 1981, por determinação do então Brigadeiro Comandante do CIMSM e da 1ªBMI.

O primeiro regulamento da prova, foi assinado em 31Out89 pelo então Chefe do Estado Maior da 1ªBMI, Sr Ten Cor Ernesto Rodrigues Gaspar da Rosa.

O percurso utilizado na prova encontra-se compreendido entre Atoleiros e Santa Margarida numa extensão total de 90Km e articulado em percursos com distância que variam entre os 3,5Km e os 6Km.

Participaram na prova todas as Unidades do CMSM/BMI, a Região Militar Sul, o Governo Militar de Lisboa e a Brigada Aerotransportada Independente.

A classificação final das 3





primeiras equipas na prova foi a seguinte:

- 1º - GML - 05h 25'07"
- 2º - BAI - 05h 36'55"
- 3º - GAC - 06h 02'14"

Pentatlo Militar

Organizado pelo Batalhão de Apoio de Serviços, realizou-se no período de 12 a 16Abr99 o Campeonato de Pentatlo Militar - Fase Regional. Sendo largamente praticado nas Forças Armadas de diferentes Países, através da organização de Campeonatos internos a vários níveis, o Pentatlo Militar tornou-se, pelo seu significado formativo, a competição desportiva mais importante do calendário anual do CISM.

O Campeonato de Pentatlo Militar é constituído por cinco provas, a realizar pela seguinte ordem:

- Tiro, com espingarda Standart de grosso calibre a 200 metros (com uma prova de precisão e outra de velocidade);
- Percurso de obstáculos, 500 metros (com 20 obstáculos);
- Natação utilitária, 50 metros (com 4 obstáculos);
- Lançamento de granadas (compreendendo uma prova de precisão e outra de potência);
- Corta-Mato, 8 quilómetros em terreno variado.

O programa do campeonato foi elaborado em conformidade com o Regulamento Geral dos Campeonatos Desportivos Militares. Na

partida do Corta-Mato adoptou-se o sistema, em que o primeiro atleta a partir é o que se encontra em primeiro lugar na classificação individual das primeiras quatro provas, o segundo parte após ter passado um período de tempo do primeiro ter iniciado a sua prova. Esse período de tempo é determinado por uma tabela de conversão onde se faz corresponder pontos a segundos. Este critério é seguido pelos restantes atletas.

Esta modalidade caracteriza-se pelo carácter técnico de algumas provas e pela exigente condição física necessária aos atletas. Deve-se realçar o empenho e a dedicação colocados na organização do campeonato, factores estes que muito ajudaram a ultrapassar algumas dificuldades sentidas pelos participantes.

A classificação final, elaborada com base no somatório dos pontos obtidos nas 5 provas, foi a seguinte:

INDIVIDUAL

- 1. 1ºCb Antunes - BCS
- 2. Fur Narciso - GAC
- 3. 1º Sarg Alves - 2º BIMEc

COLECTIVA

- 1. 2º BIMEc
- 2. GAC
- 3. BAAA

XXI

Prova da Avenida

Realizou-se no dia 30 de Abril de 1999 a XXI edição do "Grande Prémio Avenida Nun'Álvares".

Esta prova de atletismo cujo

percurso é definido pela Avenida Nun'Álvares Pereira tem a extensão de 2392m, em que a partida é materializada pelo poste de electricidade que se situa entre os edificios da Polícia do Exército e o da Caixa Geral de Depósitos e a chegada é materializada no terreno, pela primeira linha de paralelos (no sentido PE - Igreja) em frente do Hangar do GCC/RC4.

Mais uma vez verificou-se uma participação salutar de todas as Unidades do CMSM/BMI empenhando, quase a totalidade dos seus efectivos, independentemente da hierarquia ou escalão etário.

É de realçar, no aspecto competitivo, a forma aguerrida como são disputados os primeiros lugares em cada escalão (4 masc e 2 fem). Esta competição, contudo nunca implicou que algum atleta esquecesse que os objectivos da prova são: desenvolver o espírito de corpo, a camaradagem e a prática do desporto entre todas as Unidades do CMSM/BMI.

A Unidade vencedora da XXI edição do "Grande Prémio Avenida Nun'Álvares" foi o BApSvç, uma vez que somou um maior número de pontos, com os atletas classificados nos 5 (cinco) primeiros lugares dos vários escalões.

As classificações individuais por escalões foram as seguintes:

Classificação Geral Individual

- 1. 1ºSarg Freire - CEng
- 2. 1ºSarg Neves - BAAA
- 3. 2ºCb Roque - GAC
- 4. Fur Narciso - GAC
- 5. Sold Costa - 2º BIMEc

Classificação "Escalão Masc A"

- 1. 1ºSarg Neves - BAAA
- 2. 2ºCb Roque - GAC
- 3. Fur Narciso - GAC

Classificação "Escalão Masc B"

- 1. 1ºSarg Freire - CEng
- 2. 1ºSarg Rosado - GAC
- 3. 1ºSarg Augusto - CEng

Classificação "Escalão Masc C"

- 1. SAjd Liberato - RC4
- 2. SCh Felgueira - GAC
- 3. Maj Antunes - 1º BIMEc

Classificação "Escalão Masc D"

- 1. Maj Santos - BApSvç
- 2. SCh Gonçalves - BCS
- 3. Maj Batista - BApSvç

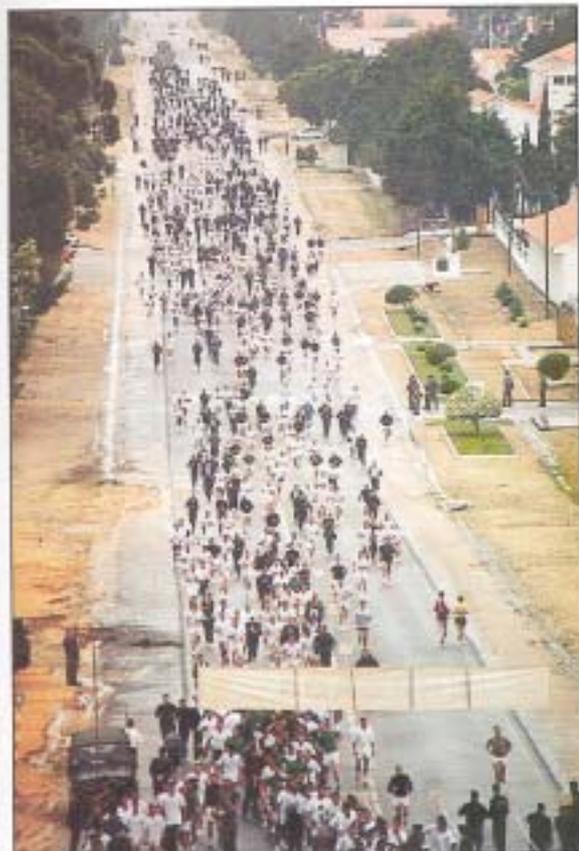


Classificação "Escalão Fem A"

1. 1ºSarg Lidia Luís - BApSvç
2. 1ºCb Maria Pimentel - 2ºBIMec
3. 1ºCb Paula Pinto - BApSvç

Classificação "Escalão Fem B"

1. CadJ Filomena Matos - BApSvç



Corrida e Orientação Fase Forças Armadas

O RC4 foi a Unidade do CMSM a quem foi atribuída a missão de organizar o Campeonato de Orientação das Forças Armadas, no período de 17 a 21Mai99.

A orientação é uma modalidade com raízes profundas na Instituição Militar. Foi introduzida no País pelos militares e a eles se deve o seu forte desenvolvimento e incremento no meio civil.

Encontrar o melhor trajecto através de um terreno desconhecido, não raras vezes coberto de florestas densas, através de montanhas e mesmos pântanos, com quaisquer condições climáticas, de dia ou de noite, está dentro do âmbito da orientação.

Para a prática é necessário que o atleta saiba utilizar um mapa da região e uma bússola; que aprenda

a escolher os melhores percursos através do terreno que lhe não é familiar, vencendo pequenos obstáculos e distâncias cada vez mais longas.

Desta forma a orientação resulta numa aplicação prática de topografia, aliada à prática do desporto, com a vantagem adicional de tornar ambas mais interessantes.

O campeonato foi organizado nos moldes dos campeonatos do CISM, utilizando-se para a execução das provas individuais uma carta, na escala 1/15000, da região da CHAMUSCA e para as provas de estafeta uma carta, na escala 1/10000, da região de CALDELAS.

O RC4 criou todas as condições para que as equipas do Exército, Marinha, Força Aérea, GNR e PSP, encontrassem um ambiente acolhedor com vista a proporcionar um espírito de leal competição, de franca camaradagem e são convívio entre todos os militares.

As classificações individuais e colectivas por escalões foram as seguintes:

Geral Individual - 1ºEsc

1. CAJd Sousa - EXÉRCITO
2. Ten Palma - MARINHA
3. 1ºMarinheiro Ferreira - MARINHA

Geral Individual - 2ºEsc

1. 2º Sarg Luís - MARINHA
2. SAJd Alves - EXÉRCITO
3. 1ºSarg Alves - GNR

Geral Feminino

1. Sold Lopes - EXÉRCITO
2. Ten Santana - FAP
3. 2ºSarg Cardoso - EXÉRCITO

Equipas - 1ºEsc

1. EXÉRCITO
2. MARINHA
3. GNR

Equipas - 2ºEsc

1. MARINHA
2. GNR
3. EXÉRCITO

Equipas Femininas

1. EXÉRCITO
2. FAP
3. GNR

Estafeta - 1º Esc

1. EXÉRCITO "A"
2. MARINHA "A"
3. MARINHA "B"

Estafeta - 2º Esc

1. GNR "A"
2. EXÉRCITO "A"
3. MARINHA "A"

Estafeta Feminina

1. MARINHA
2. GNR

Triatlo Fase Exército

Foi organizado pelo GAC/BMI, nos dias 25 e 26Mai99, o Campeonato de Triatlo - Fase Exército.

Esta modalidade é derivada da associação de três desportos praticados pelo mesmo atleta, seguidos e sem repouso "Natação, Ciclismo e Corrida".

O Campeonato iniciou-se na Barragem de Castelo de Bode, com uma extensão de 750 m de natação, seguidos de 20 Km de ciclismo, percorrendo Estradas Nacionais e Municipais até ao CMSM, onde terminou com 5 Km de atletismo.

Prova que exige, para organização eficaz que sejam feitas diversas coordenações com várias entidades civis e militares, por vezes nem sempre fáceis de realizar, contudo o GAC/BMI sempre soube tornear as dificuldades que foram surgindo proporcionando a todos os atletas uma prova classificada, por todos, como "Espectacular".

As classificações gerais individuais e colectivas pelos respectivos escalões foi a que se indica:

Individual

I Escalão

1. SAJd Pereira - GML
2. 1ºSarg Carita - GML
3. 1ºCb Geraldo - GML

II Escalão

1. Maj Lopes - GML
2. SAJd Eloy - CMSM/BMI

Colectiva

I Escalão

1. GML
2. RMS
3. CTAT



Jardim de Infância do CMSM



JARDIM DE INFÂNCIA D. NUNO ÁLVARES PEREIRA CMSM

No dia 1 de Julho de 1999, pelas 17H30 iniciou-se a Festa de Final de Ano - A FESTA DOS FINALISTAS.

Começou com umas Marchas Populares com as crianças de 3 e 4 anos. De seguida foram entregues os Diplomas às crianças que transitam do Jardim de Infância para a Escola do 1º Ciclo. As mesmas cantaram a sua canção de despedida. Finalmente todo o grupo de crianças (3, 4 e 5/6 anos) cantaram uma canção ensaiada pelo Professor de Música.

E claro, para encerrar a Festa não podia deixar de haver o sempre apetitoso convívio e lanche partilhado.



2 AGUINAS E 4 BÉBIDOS
SEMPRE PRONTOS PARA
TRABALHAR
SÃO ESTES OS FINALISTAS
QUE NUNO TÊM PARA DAR.

TRABALHO COLECTIVO
DOS FINALISTAS:

LUIS/RODRIGO/SARA
FILIPA
ANDRÉ/JOSE PEREIRO

E com mais um ano lectivo a chegar ao fim, com tantos trabalhos e actividades, merecemos todos umas boas férias e até Setembro.



Introdução à Guerra da Manobra

A Guerra da Manobra preconiza a abordagem da guerra baseada na inovação intelectual em vez da pura superioridade material.

O objectivo da Guerra da Manobra é derrotar o inimigo pela quebra da sua capacidade de reacção em vez da destruição física das suas forças.

Ao Tenente-Coronel de Infantaria João Soares, amigo de grandes conversas e um mentor para a compreensão da Guerra da Manobra em tudo o que ela encerra de inovação intelectual, criatividade e espírito crítico.

Ao Tenente-Coronel de Cavalaria Calçada, um verdadeiro Comandante para a Guerra da Manobra em tudo o que ela encerra de surpresa, formação dos quadros e plena confiança nos comandantes subordinados.

FINALIDADE

O presente artigo consiste numa compilação e análise da diferente terminologia explanada em diversas obras e artigos de opinião referentes ao conceito doutrinário da "Guerra da Manobra" e tem por objectivo uma introdução a este conceito abraçado por alguns exércitos ocidentais, nomeadamente o Exército Inglês e o Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos.

O QUE É A GUERRA DA MANOBRA

A Guerra da Manobra não é recente. É tão antiga quanto a primeira vez que um homem das cavernas surpreendeu o seu adversário por uma abordagem vinda do inesperado em vez de um mano-a-mano tradicional. A Guerra da Manobra esteve presente em muitos campos de batalha ao longo da história da humanidade, deixando sempre os seus contornos habituais:

- Um lado surpreendeu o outro com algo inesperado e repentino tornando-o incapaz de reagir, com eficácia e em tempo;
- Um lado é derrotado com poucos custos do lado vitorioso;
- Na maior parte das vezes, o lado derrotado é fisicamente superior ao lado vencedor.

Mas então o que é a Guerra da Manobra? O que faz com que dois termos, tão bem conhecidos da nossa terminologia militar, juntos, definam um "novo" conceito doutrinário?

Quanto ao termo "Guerra", julgamos inútil qualquer abordagem para além de relembrar o que o RC 130-1 nos apresenta como definição: "acto de violência organizada entre estados, quasi-estados ou coligações em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, possibilidade potencial, visando um determinado fim político, em que cada um dos adversários procura obrigar o outro a submeter-se à sua vontade, ou seja, a capitular".

Quanto ao termo "Manobra" exige que aprofundemos um pouco mais. O termo "Manobra" conduz-nos involuntariamente a duas ideias: a primeira associada a



movimento, capacidade das unidades ditas de manobra, de se deslocarem rapidamente de um ponto para outro. É uma segunda ideia associada ao acto de manobrar - "movimentar taticamente" as unidades de forma a atacar o inimigo, geralmente com o intuito de o envolver para atacar os seus flancos ou retaguarda. Esta segunda ideia está mais próxima do conceito da Guerra da Manobra e não colide com o termo "Manobra" que, tal como o conhecemos, constitui um Princípio da Guerra que "consiste em dispor uma força de forma tal que o inimigo fique colocado numa situação desvantajosa e assim conseguirem-se resultados que, de outra forma, exigiriam um maior dispêndio de homens e de material"¹.

A Guerra da Manobra incorpora esta segunda ideia de Manobra, mas vai muito mais além disso. Trata-se de um estilo de guerra muito mais abrangente, caracterizado não só pelo movimento em relação ao inimigo que nos coloque numa posição vantajosa, mas também - e principalmente - por um movimento mais rápido que o do inimigo para o destruir através de ritmo (*tempo*) superior².

A Guerra da Manobra preconiza a abordagem da guerra baseada na inovação intelectual em vez da pura superioridade material.

O objectivo da Guerra da Manobra é derrotar o inimigo pela quebra da sua capacidade de reacção em vez da destruição física das suas forças.

APONTAMENTOS PARA A TEORIA DA GUERRA DA MANOBRA

Segundo William S. Lind³ no seu livro "The Maneuver Warfare Handbook", a teoria da Guerra da Manobra deve

¹ RC 130-1 Operações, Lisboa, EME, 1987.

² William S. Lind, The theory and practice of maneuver warfare in AAVV, *Maneuver Warfare an anthology*, EUSA, Presidio, 1993, pg 3 e 4.

ser capaz de responder à pergunta: qual é a essência do sucesso de todos os casos em que o final tem os contornos anteriormente apresentados?⁴

Só recentemente alguém sugeriu uma resposta convincente. Trata-se de um Coronel piloto de combate da Força Aérea Americana de nome John Boyd. Curiosamente o contributo do Coronel John Boyd para a definição do conceito de Guerra da Manobra não começou com o estudo de batalhas terrestres, mas sim com estudos realizados sobre exercícios de combates aéreos realizados em 1974 na base aérea de Nellis. Este estudo levou-o por sua vez, ao estudo dos combates aéreos durante a guerra da Coreia. Nestes combates os pilotos americanos mostraram uma performance incrível. Por cada piloto americano abatido, eram abatidos 10 pilotos Norte-Coreanos e Chineses. Tudo isto apesar de, quando comparando os aviões protagonistas, o americano F-86 e o russo Mig-15, a balança tender favoravelmente para este último. O Coronel Boyd começou o seu estudo com a pergunta: "como foi possível os pilotos americanos portarem-se tão bem?"

O "CICLO DE BOYD" OU "OODA LOOP"

Comparando as duas aeronaves com base em diversos parâmetros tradicionais de avaliação aviônica, chegou à conclusão que o Mig-15 era superior ao F-86: podia subir e acelerar mais depressa, mas em dois parâmetros menos importantes, o F-86 mostrava-se superior ao seu opositor. Esta aeronave conferia maior poder de observação ao piloto, dada a morfologia do cockpit e tinha uns comandos mais efectivos para uns hidráulicos também mais poderosos. Isto significava que enquanto o Mig-15 podia fazer determinadas acções individuais (virar, subir, acelerar, etc.) melhor que o F-86, este tinha uma capacidade de transição de uma acção para outra mais rápida que o Mig-15. Com a superioridade relativa nestes dois parâmetros, os pilotos americanos desenvolveram uma tática de aproximação que obrigava os pilotos opositores a uma série de acções. Cada vez que uma acção mudava, o piloto americano ganhava vantagem porque, primeiro conseguia observar melhor e depois, a sua aeronave permitia ainda a transição mais rápida para a nova acção. Em cada mudança, as acções do Mig-15 tornavam-se cada vez mais inapropriadas face à série de acções ao ponto de dar ao F-86 uma excelente oportunidade de fogo. Na maior parte das vezes, parecia que o piloto do

Mig-15 se apercebia do sucedido e que entrava em pânico, o que tornava o trabalho do piloto americano bastante mais fácil. Mais tarde o Coronel Boyd alargou este estudo ao combate terrestre e constatou que em batalhas como Leuctra, Vicksburg e França 1940, algo semelhante tinha acontecido, ou seja, um lado surpreende o outro por um conjunto de acções que inviabilizam uma resposta eficaz em tempo. Como resultado, um lado é derrotado por um preço baixo do lado vitorioso. A resposta ao que tinham em comum todas estas batalhas constitui a Teoria de Boyd que é a teoria da Guerra da Manobra⁵ que pode ser resumida da seguinte forma:

O conflito pode ser encarado como uma competição em tempo de ciclos sucessivos de Observação-Orientação-Decisão-Acção (Figura 1). Cada parte em conflito começa por OBSERVAR. Observa-se a si próprio, ao que o rodeia e ao inimigo. Com base no que observou, ORIENTA-SE, ou seja, tem uma imagem da situação. Com base nesta imagem de situação, DECIDE o que fazer e AGE. Como assume que a sua acção alterou a situação, observa novamente e começa um novo ciclo. As suas acções seguem este ciclo. Partindo do princípio que ambas as partes seguem, cada uma por si, as diferentes tarefas deste ciclo, aquela que conseguir abreviar no tempo a duração do ciclo, actuará enquanto a outra ainda não o fez. A consequência prática é que quando o fizer, fã-lo para uma situação que já não é a mesma que observou e que levou a essa tomada de decisão, ou seja, a acção vai revelar-se inapropriada para a situação real.



Figura 1

A GUERRA DA MANOBRA E OS NÍVEIS DA GUERRA

A apresentação destes "níveis da guerra" tal como é feita neste artigo traduz os conceitos doutrinários em

³William S. Lind é um cidadão americano civil que tem sido conselheiro para assuntos militares de diversos senadores americanos. É autor do livro "Maneuver Warfare Handbook" e co-autor dos livros "America can win: the case for military reform" e "Cultural conservatism: toward a new national agenda". Durante os últimos 25 anos escreveu diversos artigos para várias revistas e jornais dos quais se destacam a *Marine Corps Gazette* (MCG), *The Washington Post* e *The New York Times*. Pela forma como tem contribuído para uma análise crítica de aspectos importantes na transformação da doutrina do Corpo de Fuzileiros Americanos, foi reconhecido pela MCG como um *Distinguished Author*.

⁴William S. Lind, op cit, pg 4.

⁵William S. Lind, op cit, pg 5.

vigor em grande número dos países da Europa Ocidental e que definem existirem três níveis de guerra: o estratégico, o operacional e o tático. O Regulamento de Campanha 130-1 Operações é omissivo nesta terminologia de "níveis da guerra" e a sua estrutura não preconiza a existência do nível operacional. Também o General Lopes Alves, no seu livro "Estratégia. Panorama geral da sua teoria" considera "a Estratégia ficar determinada entre uma e outra (Política e Tática), entre a Política que serve e a Tática que a executa", isto é, "sujeita aos imperativos da primeira e orientando o comportamento da segunda"⁹.

Paradoxalmente o que é ensinado nos diferentes estabelecimentos de ensino militar, nomeadamente no Instituto de Altos Estudos Militares (IAEM) e na Academia Militar (AM) assenta na existência dos três níveis atrás descritos.

Apresentamos de seguida uma definição sucinta destes três níveis para depois analisarmos a Guerra da Manobra nesta estrutura de níveis da guerra.

ESTRATÉGIA

A Estratégia é a ciência e a arte de desenvolver e utilizar as forças morais e materiais de um estado, quase-estado ou coligação a fim de se atingirem os objectivos fixados pela política quando estes suscitem, ou possam suscitar, a hostilidade de uma outra vontade política. A estratégia visa o desenvolvimento e a utilização adequada dos meios psicológicos, diplomáticos, políticos, económicos e militares à disposição do poder político tendo como referência a guerra⁷. Dentro da estratégia podemos ainda distinguir a estratégia nacional e a estratégia militar. A primeira prevê e planeia o desenvolvimento e o emprego dos potenciais psicológico, diplomático, político, económico e militar da Nação, com o fim de assegurar a consecução dos objectivos nacionais, não só em tempo de paz como em tempo de guerra; Este será o nível da responsabilidade dos governos, gabinetes de guerra ou Conselho Superior de Defesa Nacional. A segunda planeia o desenvolvimento e o emprego dos meios militares que servem a estratégia total nacional, pela aplicação directa ou indirecta do potencial militar⁸. Este será o nível do responsável militar máximo das forças armadas (CEMGFA por exemplo).



OPERACIONAL, OU ARTE OPERACIONAL

Esta arte operacional é o emprego habilidoso das forças militares para alcançar objectivos dentro de um teatro de operações (TO) através da concepção, organização, integração e condução de estratégias de TO, campanhas, grandes operações e batalhas⁹. Este nível operacional garante a ligação entre os objectivos estratégicos e o emprego tático das forças. O seu objectivo é vencer campanhas¹⁰, ou seja, trata-se de obter resultados táticos cujo fim é a consecução de objectivos da estratégia militar. William S. Lind chamou à arte operacional, a capacidade de determinar quando e onde combater para obter uma vitória tática com um resultado estratégico¹¹. O TCor Cav Caçada no seu livro "Elementos de Tática, contributo

para uma teoria geral" preferiu chamar a este nível da guerra, Estratégia Operacional de Teatro por entender que este "emprego habilidoso das forças", poder, e dever, ser pensado e teorizado. Sendo por isso não só arte mas também ciência. É o nível dos Comandantes de TO (no caso Português será, por exemplo, o dos comandantes operacionais dos Açores e Madeira).

O NÍVEL TÁTICO

O nível tático é onde o combate tem lugar, onde se mata e onde se morre. Prende-se com a realização de batalhas (geralmente medidas em dias) e de combates (geralmente medidos em horas). No campo de batalha, o principal objectivo do comandante tático é vencer batalhas e combates nos quais realiza fogos e manobra para conseguir objectivos específicos. Os comandantes de nível tático são conduzidos para o combate e para fora dele pelos comandantes superiores. Os sucessos e os fracassos ao nível tático, vistos pelo comandante operacional, estabelecem as condições para a manobra operacional. É o nível dos comandantes das forças dos vários ramos, colocados na dependência dum comandante de TO.

Vejamus a que nível da guerra o conceito de Guerra da Manobra tem aplicação e quais as suas consequências nos restantes.

⁹ Alves, José Lopes, *Estratégia. Panorama geral da sua teoria*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1998, pg 103.

⁷ RC 130-1 Operações, Lisboa, EME, 1987.

⁸ Op cit.

⁹ FM 100-5, *Operations*, Junho 1993, pg 6-2.

¹⁰ Série de operações militares inter-relacionadas, conduzidas com a finalidade de atingir um ou mais objectivos estratégicos dentro de um determinado espaço e tempo. (FM 100-5).

¹¹ Lind, William S., op cit, pg 24.



A guerra é um acto político. Uma nação procura obter a concretização dos objectivos da política através dos elementos do poder nacional¹²: militar, económico, político, geográfico e a vontade nacional. A política define os objectivos para a estratégia. Embora existam muitas formas de estratégia militar elas enquadram-se sempre numa das duas categorias gerais: a estratégia directa e a estratégia indirecta.

A estratégia directa visa normalmente a manobra da massa de uma das forças contra o "centro de gravidade"¹³ do inimigo. A estratégia directa geralmente preconiza o emprego dum dos elementos de poder nacional, o poder militar, contra o poder similar do inimigo. Por outro lado a estratégia indirecta preconiza a destruição do "centro de gravidade" do inimigo de uma maneira diferente: evitar o ponto forte do inimigo e destruir o seu ponto fraco para alcançar uma vitória rápida e pouco dispendiosa. Um exemplo de estratégia indirecta será a destruição da capacidade de transporte estratégico que uma nação tem para manter as suas forças armadas no terreno, ou a destruição duma parte específica do território nacional. Outras opções de estratégia indirecta preconizam o emprego de um dos elementos de poder nacional contra um poder diferente do inimigo. A guerra do Vietname ilustra bem a diferença entre a estratégia directa e indirecta. Os Franceses numa primeira fase e os Americanos depois, elegeram o exército e a sua capacidade militar como o centro de gravidade do inimigo e estabeleceram o objectivo estratégico de destruir as forças regulares e irregulares. Por outro lado, o Vietname comunista, adoptou uma estratégia indirecta, definindo como objectivo estratégico a destruição do moral e da vontade de combater do inimigo, pois definiram, como centro de gravidade do inimigo, a vontade nacional americana de prosseguir a guerra. Apesar de tanto a França como a

América terem vencido a maior parte das batalhas militares, a América perdeu a guerra. O Vietname manobrou e venceu ao nível estratégico da guerra.

Ao nível operacional, para vencer campanhas, ou seja, obter resultados táticos cujo fim é a consecução de objectivos da estratégia militar, existem dois estilos distintos de "fazer a guerra": através da atrição ou através da manobra. A atrição dá ênfase ao poder de fogo e ataca o ponto forte do inimigo. A manobra dá ênfase ao movimento a ataca o ponto fraco do inimigo.

GUERRA DA ATRICÃO	GUERRA DA MANOBRA
<ul style="list-style-type: none"> - Tenta traduzir a guerra numa ciência. - Concentra-se na eficiência do melhor emprego da massa. - Concentra-se na destruição do inimigo. - Gestão científica na forma de: <ul style="list-style-type: none"> • planeamento detalhado • gestão de recursos • controlo activo e centralizado na aplicação da força 	<ul style="list-style-type: none"> - Dá ênfase aos factores humanos não mensuráveis: <ul style="list-style-type: none"> • liderança • organização • coesão • moral - Concentra-se em montar uma cilada ao inimigo. - Perspectiva a guerra numa forma de superfícies (surface) e intervalos (gap).

Muitos dos autores que se debruçam sobre estas questões doutrinárias são unânimes em afirmar que é ao nível operacional que o conceito de Guerra da Manobra faz sentido. No entanto, depois de compreendermos a filosofia inerente à Guerra da Manobra, ousamos afirmar que este conceito tem aplicabilidade a todos níveis desde que perspetive uma abordagem baseada no inesperado. A predominância dum estilo, em detrimento do outro, apresentará consequências marcantes ao nível da doutrina, organização e filosofia de Comando e Controlo adoptadas pelos exércitos. A derrota da França em 1940, face a um exército alemão de menores dimensões e com piores equipamentos constitui a imagem de marca das potencialidades da Guerra da Manobra. Do lado da guerra da atrição está o exemplo clássico da batalha do Somme na I Guerra Mundial (com uma lista de baixas em combate do lado inglês de 420 000 homens em 16 dias de combate) ou mais recentemente a sangrenta guerra do Irão-Iraque.

A GUERRA DA MANOBRA COMO PROCESSO MENTAL

A Guerra da Manobra preconiza a abordagem da guerra baseada na inovação intelectual em vez da pura superioridade material.

¹² Antal, John F., The theory and practice of maneuver warfare in AAVV, *Maneuver Warfare an anthology*, EUA, Presidio, 1993, pg 58.

¹³ Apresentamos aqui o conceito de "centro de gravidade" tal qual é interpretado por Clausewitz - onde o inimigo concentra as suas forças, ou seja, o seu ponto forte.

O conceito de Guerra da Manobra encerra uma definição muito própria da tática: "é um processo que combina dois elementos, técnicas e educação, através de três "filtros" mentais ou pontos de referência - ordens tipo missão, concentração no esforço (esforço principal) ou *schwerpunkt*, e a procura de superfícies e intervalos no inimigo - com o objectivo de produzir uma aproximação única para a especificidade do inimigo, do tempo e do local encontrados"¹⁴. Esta definição de tática requer a explanação do raciocínio usado pelo seu autor (William S. Lind):

- A tática não é uma coisa, mas sim um processo. Um processo mental que encerra não só a decisão tomada como também o método que nos levou até ela.

- Trata-se de uma aproximação única por querermos sempre fazer algo diferente com o intuito de surpreender o inimigo.

- Deve considerar-se a especificidade do inimigo, do tempo e do local, porque não há duas situações iguais.

- A tática combina a técnica e a educação. A técnica tem a ver com coisas que se fazem obedecendo a formulas (montar uma arma, dar uma ordem, pedir apoio de fogos, etc) e que feitas num elevado grau de proficiência auxiliam-nos a abreviar o nosso ciclo de Boyd. Mas não chegam por si só. A tática inclui também a arte de saber seleccionar qual a técnica que nos permitirá a aproximação única ao inimigo, ao tempo e ao local. É precisamente isto em que consiste a educação, não em o que fazer mas como pensar.

Vejamos com mais detalhe os "filtros" mentais ou pontos de referência:

- Ordens do tipo missão
- Schwerpunkt
- Superfícies e intervalos



até dois escalões acima do seu. O contrato é simples: o comandante subordinado faz com que as suas acções sirvam a intenção do seu superior - o que tem de ser realizado - e o superior confere liberdade de acção ao seu subordinado em termos de como essa intenção será realizada.

Missão: um contrato a curto prazo. Trata-se duma parcela da intenção do comandante, o suficiente para ser apropriada à situação imediata da unidade subordinada. Também aqui os termos do contrato são os mesmos. O subordinado aceita fazer com que as suas acções suportem a missão em troca de uma ampla liberdade de acção na escolha do como realizar. Mas no contrato até onde vai essa liberdade de acção? Depende da situação (do nível do comandante, do tipo de missão, etc.). Mas uma coisa é certa, quando se trata de ordens de tipo missão, é dado adquirido a aceitação de erros. Portanto a mentalidade de "tolerância zero" não se aplica a um conceito de Comando e Controlo que se pretende descentralizado e rápido. Os seguidores do conceito da Guerra da Manobra preferem ter grandes doses de iniciativa ao nível dos seus subordinados - condição para abreviar os sucessivos ciclos de Boyd - pagando o preço de alguns erros.

ORDENS DO TIPO MISSÃO

Com este tipo de ordem, é dado ao comandante subordinado o quê (aquilo que o comandante quer que seja alcançado), ou seja, a missão. É deixado ao comandante subordinado o como fazer. Só assim se criam condições para abreviar o ciclo de Boyd dentro de uma unidade. Uma maneira prática de ver as ordens do tipo missão é em termos de contractos entre o superior e os seus subordinados¹⁵. Existem pois dois contractos. Um de curto prazo e o outro de longo prazo.

Intenção do Comandante¹⁶: um contrato a longo prazo. É o que o comandante pretende alcançar a longo prazo, na forma daquilo que quer que aconteça ao inimigo ou o resultado final que se pretende. Quanto ao comandante subordinado precisa de compreender isso

SCHWERPUNKT

Este segundo ponto de referência denomina-se *schwerpunkt* (no original alemão) e a tradução poderá ser o "ponto do esforço principal". No entanto esta tradução poderá induzir em erro, já que o conceito não é um ponto no mapa, mas sim, aonde o comandante acredita poder ter decisão e traduz isso numa unidade (trata-se duma focalização no esforço). Quando uma unidade é designada o *schwerpunkt*, ela sabe que vai receber todo o apoio (artilharia, apoio aéreo, etc.) e que as unidades vizinhas trabalharão para si. Por esta razão muitas vezes se refere que é a determinação do *schwerpunkt* que congrega os esforços de todos os subordinados em direcção ao mesmo objectivo:

¹⁴ Lind, William S., op cit, pg 12.

¹⁵ A ideia de se relacionar a missão e a intenção do Comandante como contractos é original do Coronel John Boyd.

¹⁶ No número de Maio de 1997 do Jornal do Exército, no artigo com o título "Intenção do Comandante. O que fazer com ela?", tentou fazer-se uma abordagem da Intenção do Comandante.

aquilo que o comandante quer que seja realizado. Só desta forma é que um determinado elemento pode atacar em força o ponto fraco e derrotar o seu opositor ainda que no seu conjunto este seja mais forte.

SUPERFÍCIES E INTERVALOS

O terceiro ponto de referência - superfícies e intervalos - ajuda-nos a posicionar o nosso *schwerpunkt*. A superfície representa uma linha de defesa do IN (por isso um ponto forte), e um intervalo, que como o próprio nome indica é uma falha na superfície, ou seja, na linha de defesa, (por isso um ponto fraco). A ideia é posicionarmos o nosso forte contra o fraco do inimigo. Como é que fazemos isso?

Através do que se designa "reconnaissance-pull" (o reconhecimento puxa) ou mais simplesmente "recon-pull". Em termos gerais, e tendo como pano de fundo uma operação ofensiva, com o "recon-pull" o eixo de progressão é determinado pelos resultados do reconhecimento em vez de ser fixado pelo comando antes da operação, e é alterado face ao que o reconhecimento vai descobrindo. É portanto a força de reconhecimento que puxa pelo grosso da força para os intervalos identificados, ao invés do "command-push" (o comando empurra) em que o planeamento do grosso da força empurra a unidade de reconhecimento, em profundidade, para os eixos que o Estudo Tático da Área de Operações escolheu como mais indicados.

AS FORMAS DE DERROTAR O INIMIGO

O conceito da Guerra da Manobra é acima de tudo uma filosofia preocupada em derrotar o inimigo. Tal como Robert Leonard colocou em termos simples no seu livro "The Art of Maneuver", a Guerra da Manobra é um pontapé nas partes baixas, uma cotovelada no olho, uma punhalada nas costas. É rápido, violento e momentaneamente injusto. Premeia o facto de se ser traíçoeiro em vez de corajoso, e não tem nada de glorioso, porque tipicamente foge ao forte do inimigo. Dos muitos exemplos históricos estudados, Robert Leonard, considerou existirem três formas de derrotar o inimigo: antecipação (*preemption*), descolocação (*dislocation*) e disrupção (*disruption*).

Antecipação¹⁷

No seu original em inglês, *preemption*, esta palavra, tal como vem do latim, significa "comprar antecipada-



mente", sendo também com este significado implícito que o autor a usa "militarmente", pois trata de se antecipar (ainda que seja simplesmente aproveitar uma qualquer oportunidade) ao inimigo. Desta forma consideramos não estar muito longe da ideia se falarmos de antecipação. O Exército Inglês apresenta no seu Regulamento de Operações uma definição mais elaborada tratando-se de "agarrar uma oportunidade, geralmente efémera, antes do inimigo o fazer, a fim de lhe negar uma modalidade de acção vantajosa". Operações de antecipação baseiam a sua definição de protecção na rapidez da decisão e na surpresa em vez da preparação e planeamento ponderado. Ao nível tático pode ter a forma da decisão numa marcha na formação de coluna (privilegiando a rapidez em detrimento da segurança) em vez numa formação em cunha ou escalão (que privilegia a segurança em detrimento da rapidez). Sun Tzu chamou-lhe "a vitória antes da situação estar cristalizada".

Descolocação

A descolocação é a arte de tornar a força do inimigo irrelevante, ou seja, evitar o combate nos termos que o inimigo quer e nos quais pode maximizar o seu potencial¹⁸. No Regulamento de Operações do Exército Inglês "descolocar" o inimigo é negar-lhe a capacidade de usar os seus pontos fortes. E ainda acrescenta que, ao contrário da antecipação, a descolocação é um acto deliberado, não uma oportunidade, e depende, exigentemente, de informações credíveis e não da intuição. Robert Leonard distingue ainda dois tipos de descolocação: uma posicional e outra funcional. A descolocação posicional pode significar remover fisicamente o inimigo do ponto de decisão (por exemplo usar uma finta para afastar a reserva do inimigo), ou remover o ponto de decisão da força inimiga (por exemplo manobrar para se afastar do inimigo e procurar a decisão na área da retaguarda deste ou numa porção das suas forças que não possa ser reforçada a tempo). A descolocação funcional limita-se a tornar inútil ou inapropriado o ponto ou pontos fortes do inimigo, o que pode ser alcançado pela tecnologia, pela tática ou

¹⁷ A tradução numa palavra que se pretende que ganhe um grau de "termo" é sempre algo complicado. No presente caso não se optou pela sua tradução literal, pois pretendeu-se um vocábulo comum.

¹⁸ Leonard, Robert. *The Art of Maneuver*. EUA, Presidio, 1991, pg 66, 67.

ainda pela combinação das duas. Numa analogia muito simples, Robert Leonhard, assegura que um porco-espinho está a salvo da terrível força dum leão, por este não poder fazer valer a sua força. O leão está funcionalmente descolocado em relação ao porco-espinho apesar de ser muito mais forte, rápido e feroz que este.

Disrupção

Disrupção é a prática de derrotar o inimigo atacando o seu ponto vulnerável. Para o Exército Inglês trata-se de atacar o inimigo selectivamente por forma a quebrá-lo e lançar na confusão as partes que são críticas ao emprego e coerência do potencial de combate. Mais do que qualquer outra forma de manobra, a disrupção tende a capitalizar a parte não mensurável da guerra - a psicologia, o moral, a surpresa e o medo, pois reconhece, acima de tudo, que um exército é feito de homens. A disrupção insiste que um exército é derrotado, não quando as suas armas são destruídas, mas quando a vontade de combater dos seus soldados deixou de existir.

ESCREVER A GUERRA DA MANOBRA

Embora o objectivo deste artigo seja somente o de apresentar duma forma sucinta alguma terminologia que é a base do conceito doutrinar da Guerra da Manobra, não deixa de ser oportuno apresentarmos a forma como o USMC procedeu à revisão dos seus manuais doutrinares¹⁹.

Com base na direcção definida pelo *Commandant's Planning Guidance*, a Divisão de Doutrina do Comando de Desenvolvimento de Combate do Corpo de Fuzileiros levou a cabo uma revisão da estrutura doutrinária e desenvolveu um plano capaz de rever toda a documentação doutrinária num prazo de quatro anos. O que é curioso em todo este processo é que, consciente da dificuldade de escrever conceitos por vezes abstractos em linguagem clara e inequívoca, o comando do USMC decidiu que as equipas nomeadas para escrever os manuais fossem também constituídas por civis com experiência em leccionar matérias desta natureza (em concreto na Universidade do Corpo de Fuzileiros) e com capacidade de escrita comprovada. Estes autores civis contribuiriam não só com a sua capacidade de escrita mas também com um aprofundamento na análise dos temas em questão. A intenção não era somente descrever o "como" conduzir operações mas discutir a natureza da guerra, os seus níveis e as suas principais funções como um todo integrado. Ao fazer isto o Corpo de Fuzileiros pretendeu ter uma série de manuais que explicavam o "porquê" que está por detrás do modo de fazer a guerra bem como o conjunto de conhecimentos que reflectem a filosofia institucional do Corpo de Fuzileiros. Propositadamente os manuais foram escritos de forma curta (não excedendo as 100 páginas) e numa linguagem directa e de fácil compreensão.

Segundo William S. Lind a história provou que **Deus está do lado dos maiores batalhões, a menos que os batalhões mais pequenos tenham uma ideia melhor. A Guerra da Manobra é essa ideia.**

¹⁹ TCor John D. Williams, *Marine Corps Doctrinal Publications: Timely, Relevant, and Compelling*, Marine Corps Gazette, December, 1996, pp 51

ALGUMA BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

ARTIGOS

- Antal, John F. *Mission Tactics*, *Armor*, Mai-Jun, 1987, pp 9-11
 Antal, John F. *Maneuver versus Attrition: a historical perspective*, *Military Review*, Outubro, 1992, pp 21-33
 Antal, John F. *Forward Command*, *Armor*, Nov-Dez, 1991, pp 26-29
 Antal, John F. *The end of maneuver*, *Army*, Julho, 1990, pp 40-46
 Hooker, Richard D Jr, *Redefining maneuver warfare*, *Military Review*, Fevereiro, 1992, pp 50-58
 Loden, J M H, *Will is more decisive than skill in winning battles*, *British Army Review*, 119, 1998, pp 46-56
 Richey, Stephen W., *O embasamento filosofico da batalha Ar-Terra*, *Military Review* (Ed Bras), 1 Trim, 1985, pp 74-80
 Storr, J P. *Exercise SEA WALL: infantry tactics in the era of Manoeuvre*, *British Army Review*, 119, 1998, pp 39-45
 Vandergriff, Donald E. *Toward a new institutional culture: Creating the officer corps of the future to execute force XXI blitzkrieg*, *Armor*, Mar-Abr, 1997, pp 25-32
 Vandergriff, Donald E. *Without the proper culture: why our army cannot practice maneuver warfare*, *Armor*, Jan-Fev, 1998, pp 20-24

LIVROS

- Hooker, Richard D Jr, *Maneuver warfare an anthology*, EUA, Presidio Press, 1993, 409pp
 Leonhard, Robert R, *The art of maneuver*, EUA, Presidio Press, 1991, 315 pp
 Leonhard, Robert R, *Fighting by minutes*, EUA, Praeger Publications, 1994, 186 pp
 Leonhard, Robert R, *The principles of war for the information age*, EUA, Presidio Press, 1998, 287 pp
 Lind, William S, *Maneuver warfare handbook*, EUA, Westview Press, 1985, 133 pp

MANUAIS MILITARES

- British Army, *ADP Vol 1 - Operations*, Chief of the General Staff, 1994, 159 pp
 British Army, *ADP Vol 2 - Command*, Chief of the General Staff, 1995, 252 pp
 USMC, *FMFM 1 Warfighting*, EUA, Department of the Navy HQ USMC, 1989, 88 pp
 USMC, *MCDP 1 Warfighting*, EUA, Department of the Navy HQ USMC, 1997, 106pp
 USMC, *MCDP 6 Command and Control*, EUA, Department of the navy HQ USMC, 1996, 147 pp

José Miguel Moreira Freire
 Capitão de Cavalaria

Comandante do Esquadrão de Reconhecimento / BMI